

CLIPPING SEMANAL DE MINERAÇÃO 24 a 29 de novembro de 2014

(Coordenação: Karen C. Nasser de F. Borges, Ad Hoc Consultores Associados Ltda)

DESTAQUE DA SEMANA

O destaque da semana vai, mais uma vez, para a dramática queda de preços dos minérios em geral e suas conseqüências.

As fortes quedas registradas nas duas principais commodities minerais metálicas produzidas pelo Brasil: ferro e ouro, cujos preços caíram quase um terço somente neste ano, afetam diretamente as receitas dos municípios mineradores, os quais, ao contrário das mineradoras, não se preparam devidamente para os impactos da ciclicidade dos mercados minerais.

Assim, hoje, como no passado colonial, prevalece, pelo lado do Estado, a mentalidade da “derrama”, cuja lógica tributária não é taxar razoavelmente a atividade mineira, mas exigir desta o valor que o governo entenda ser necessário para custear as despesas públicas, independente do resultado da atividade produtiva.

Assim, ao mesmo tempo em que vemos a indústria alertar para a necessidade de se rever a propostas de majoração do royalty governamental, um dos pilares de sustentação da proposta do chamado “novo marco legal da mineração”, prefeitos e governadores, começam a clamar por uma maior “participação no lucro das empresas”, se esquecendo de que o Texto Constitucional apregoa “participação nos resultados ou compensação financeira”. Ora, participação nos resultados implica em dividir lucros e perdas, enquanto compensação financeira em um custo adicional para a atividade.

Portanto, o que os governantes precisam entender, sobretudo aqueles que estão à frente de municípios mineradores, é que, da mesma forma que as empresas de mineração, os governos também precisam se adaptar à realidade, cortando custos e racionalizando despesas nos tempos de vaca magras, e poupando ou investindo em salvaguardas nos tempos de bonança. Pois, a visão de curto prazo que impõe a “derrama”, além de não solucionar os problemas financeiros do governo, tem, a médio e longo prazo, conseqüências previsíveis quanto à ruína econômica das empresas e das regiões produtoras por ela abrangidas, fenômeno que, por seu turno, costuma trazer conseqüências políticas tão imprevisíveis quanto extremas e definitivas, conforme nos ensina a História.

Outro destaque foi a boa receptividade do mercado à nova equipe econômica. Quiçá essa guinada do Governo para uma mentalidade mais afinada com o mercado e o lado real da economia se estenda também ao Setor Mineral, que espera e precisa de mudanças na mesma direção: mais realismo e menos ideologia na gestão das políticas públicas.

Luciano de Freitas Borges – Ad Hoc Consultores Associados Ltda.

1-24/11/2014

Nível de preços já fecha e ameaça várias operações no mundo, indica a CRU

Por **Francisco Góes | Do Rio**

Em meio a um cenário difícil para o minério de ferro, as empresas de menor porte lutam para permanecer no mercado sem perder dinheiro. A consultoria britânica CRU estima que cerca de 10% da produção brasileira da commodity é "vulnerável" com os atuais níveis de preços. Na Austrália, com as atuais cotações, cerca de 80 milhões de toneladas de minério de ferro têm custos acima dos preços. Mas isso não quer dizer, segundo Laura Brooks, consultora da CRU, que essa produção vai sair do mercado, pois é preciso considerar quem são os parceiros nos projetos, se as minas têm acordos firmes de venda com siderúrgicas e se há sócios com boa condição financeira.

Com base em informações públicas, a CRU fez uma lista das minas de menor porte que já fecharam suas operações no atual cenário de preços. A lista inclui duas minas na Austrália: o projeto Cairne Hill, da IMX Resources (1,7 milhão de toneladas por ano), e o projeto Roper Bar, da Western Desert Resources (3 milhões de toneladas anuais). Há ainda um projeto no Canadá, o Silver Yards, da Labrador Iron Mines (1,7 milhão de toneladas) e o empreendimento Kaunisvaara, da Northland Resources, da Suécia (4,3 milhões de toneladas por ano).

A relação considera também o projeto Serra Azul, da MMX, de Eike Batista, em Minas Gerais, que vinha operando com capacidade de produção de 6 milhões de toneladas por ano. A MMX Sudeste, subsidiária da mineradora de Eike que controla as minas, teve o pedido de recuperação judicial aceito pelo Justiça de Minas Gerais no mês passado.

A CRU diz que o crescimento combinado de Brasil e Austrália no minério de ferro tende a se manter, mas em taxas menores. As grandes mineradoras dos dois países, Vale, Rio Tinto, BHP Billiton e Fortescue, têm uma participação no mercado transoceânico do produto de cerca de 65%.

Em apresentação recente, a CRU informou que 90% da produção brasileira estão gerando caixa nos níveis atuais de preços. De um ponto de vista teórico, disse a consultora, as mineradoras brasileiras de menor porte são mais competitivas do que as australianas quando se olha os custos de produção. O problema é que as brasileiras têm desvantagem no frete em relação às australianas no transporte para a China. No atual cenário de preços, abaixo de US\$ 80 por tonelada, empresas como Bahia Mineração (Bamin), Manabi e Ferrous Resources, todas do Brasil, deverão ter dificuldades para implementar projetos novos e de expansão.

2-24/11/2014

Múltis ditam as regras no novo cenário de mercado

Por **Francisco Góes | Do Rio**

O Brasil e a Austrália, os dois maiores produtores mundiais de minério de ferro, vão aumentar ainda mais a oferta da commodity, independentemente da queda nos preços. Na semana passada, a cotação ficou abaixo de US\$ 70 a tonelada no mercado à vista da China, um dos menores patamares dos últimos anos. Vale, Rio Tinto e BHP Billiton, as

três maiores mineradoras mundiais, continuarão ampliando a oferta sem piedade. Com esse movimento, as grandes devem "empurrar" para fora do mercado empresas pequenas e médias de maior custo de produção. A lista de fechamentos inclui mineradoras chinesas, mas também australianas e brasileiras de menor porte. Outras candidatas a fechar as portas são empresas de países sem tradição na exportação, como México, Rússia, Malásia, Indonésia e Irã, que entraram no mercado em momento de alta dos preços.

"O minério de ferro volta a ser um negócio em que a escala e o domínio das cadeias logísticas é muito importante. Vai haver uma redução significativa dos países exportadores de minério de ferro, o que já começou a acontecer", diz Luciano Siani, diretor-executivo de finanças da Vale. Consultorias e bancos de investimento estimam que os fechamentos de capacidade em 2014 alcançaram volumes entre 48 milhões de toneladas e 83 milhões de toneladas de minério de ferro. O número inclui fechamentos na China, principal consumidor da commodity, e em outros países. A queda contínua nos preços tende a aumentar ainda mais esses números, mas o fechamento de capacidade tem se mostrado mais lento do que o mercado esperava há alguns meses.

A consultoria CRU diz que, no atual nível de preços, cerca de 26% da produção global de minério de ferro pode não estar gerando caixa em nível suficiente para fazer frente aos custos. Ao mesmo tempo, os grandes produtores mundiais seguem apostando no aumento da escala e na melhoria da qualidade de seus produtos para ganhar território no mercado. Para 2015, Rio Tinto, BHP e Fortescue Metals, mineradora de ferro que surgiu como nova força na Austrália, devem acrescentar uma oferta de cerca de 70 milhões de toneladas de minério de ferro, nas contas da Corretora Itaú BBA. Se for somada a produção extra de Vale para o ano que vem, estimada pela corretora em 28 milhões de toneladas, chega-se a um número próximo de 100 milhões de toneladas adicionais. É preciso considerar ainda o projeto Minas-Rio, da Anglo American, no Brasil, que deve acrescentar mais 10 milhões de toneladas no ano que vem, nas contas do mercado.

A visão da CRU é que mais 170 milhões de toneladas de minério de ferro vão atingir o mercado nos próximos cinco anos. A conta inclui dois projetos no Brasil: o S11D, da Vale, no Pará, de 90 milhões de toneladas, e o Minas-Rio, no auge a 26,5 milhões de toneladas. E considera também o projeto Roy Hill, da Hancock Prospecting, da Austrália, com capacidade de 55 milhões de toneladas, mas não inclui expansões da BHP e Rio Tinto.

"2014 foi um ano extremamente forte para o mercado internacional de minério de ferro em termos de acréscimos de produção vindos do Brasil e da Austrália", disse Laura Brooks, consultora sênior da CRU para siderurgia e materiais básicos. Os preços atuais, diz, representam um mercado "muito fraco", mas a médio prazo a tendência é os preços se estabilizarem em cerca de US\$ 80 por tonelada.

Siani, da Vale, não tem dúvida de que 2015 será um ano difícil para o mercado de minério de ferro pela combinação de capacidade entrante e mineradoras perdendo terreno em um ambiente de crescimento da demanda tímido, na faixa de 1,5% a 2%. "É

muito provável que com esse crescimento da demanda a capacidade adicional que vem dos grandes produtores preencha o vazio que está sendo deixado por quem está saindo. Assim, como a demanda não cresce de forma vigorosa, não haverá muito espaço para uma recuperação importante de preços", prevê Siani.

Os bancos trabalham com projeções entre US\$ 80 e US\$ 90 por tonelada a médio e longo prazos. Em relatório recente, o Goldman Sachs disse que o pico de preços desde 2009 ocorreu em fevereiro de 2011, com US\$ 192 por tonelada. O banco trabalha com uma situação de mercado atual de excesso de capacidade e prevê um preço de US\$ 90 a tonelada a longo prazo.

Para Siani, é preciso que o processo de saída de produtores marginais se prolongue por mais um tempo, bem como a absorção da capacidade adicional ocorra, para que o mercado possa ver qualquer recuperação mais vigorosa nos preços. "E isso só deve ocorrer a partir do fim de 2016, começo de 2017. Teremos dois anos andando de lado", afirmou Siani. Ele não quis arriscar o que isso vai significar em termos de preço: se US\$ 65 por tonelada, como indicou recentemente o Citi em um relatório, US\$ 70, US\$ 80 ou US\$ 90 a tonelada. "O que buscamos é ser cada vez mais competitivos para gerar valor para os acionistas, qualquer que seja o nível de preços", disse Siani.

A Vale trabalha com a estimativa de que o mercado transoceânico de minério de ferro atinja 1,39 bilhão de toneladas em 2014, com alta de 12% sobre as 1,24 bilhão de toneladas de 2013. O número é um pouco diferente da projeção do Credit Suisse, que estima um mercado transoceânico de 1,37 bilhão de toneladas. De qualquer maneira, o volume representa um salto desde o começo dos anos 2000, quando as exportações no mercado internacional de minério de ferro situavam-se na faixa de 450 milhões de toneladas (ver tabela).

Em relatório recente, o Credit Suisse disse que a indústria de mineração passa por um ajuste "doloroso". Avaliou que a demanda "insaciável" da China na última década foi resultado do crescimento de um modelo de investimento intensivo. Esse modelo resultou, por sua vez, no consumo de cerca de 60% da produção global de minério de ferro, algo sem precedentes na história recente.

Mas a China é, além de consumidor, um grande produtor de minério de ferro. E na situação atual começou a "cortar na carne". Várias minas chinesas pararam de produzir com a baixa de preços. Dados do escritório da CRU em Pequim indicam que algumas minas começaram a fechar como resultado de exigências das autoridades que querem limitar o transporte nas redondezas de Pequim. O escritório da CRU mostrou, ainda, que uma mina privada situada na província de Shandong fechou as portas. Também uma usina privada de aço em Chengde, província de Hebei, que usava 100% de minério doméstico, começou a fazer importações da matéria-prima a partir de julho, informa a CRU.

Mas Laura Brooks, da CRU, diz que pequenas minas privadas e outras estatais chinesas estão conseguindo se manter no mercado, sem apoio governamental, adaptando-se ao

novo cenário de preços, com cortes de custos. E assim poderão ficar mais tempo. Produtores chineses podem formar estoques à espera de melhorias.

3-24/11/2014

Mineradoras querem rediscutir código

Por **Raphael Di Cunto** | De Brasília

Diante da queda do preço internacional dos minérios, em especial do ferro, que despencou de US\$ 134 a tonelada em dezembro de 2013 para US\$ 81 na média de outubro deste ano, as mineradoras querem rediscutir o projeto de lei do novo Código da Mineração na Câmara dos Deputados. A negociação, aliada à provável troca do ministro de Minas e Energia e a impasses no texto atual, deve empurrar a votação da proposta para o próximo ano.

Segundo o **Valor** apurou com deputados e empresários, as mineradoras têm demonstrado preocupação com o aumento da alíquota da Compensação Financeira pela Exploração dos Recursos Minerais (Cfem) para parte dos minérios. No caso do ferro, por exemplo, a taxa, hoje de 2% do faturamento líquido das empresas, seria de 4% do faturamento bruto. A tributação sobre o ouro, que perdeu 32% de seu valor desde agosto de 2012, passaria de 1% da receita líquida com a venda para 2% da bruta.

Por outro lado, o relatório de Quintão prevê redução dos tributos sobre os minerais usados na construção civil, como a areia, e um desconto de 50% na alíquota caso o mineral seja industrializado no país, para estimular a indústria nacional.

Prefeito de Mariana e presidente da Associação dos Municípios Mineradores de Minas Gerais (Amig), Celso Cota (PSDB) acusa o "lobby das mineradoras" de segurar o projeto. "Não estamos falando em novos impostos, estamos falando em divisão dos lucros das empresas", diz. "Os preços deste mercado são muito dinâmicos e depois de um tempo recupera. Só não podemos esperar até isso ocorrer", afirma.

Com a redução do preço dos minérios, a receita acompanhou a queda. A arrecadação da Cfem, que atingiu R\$ 2,3 bilhões em 2013, com média mensal de R\$ 197,9 milhões, caiu a R\$ 145,3 milhões por mês este ano - queda de 26,5%. O valor é dividido entre a União (12%), Estado onde foi extraído o minério (23%) e município produtor (65%). Em Mariana, cidade do presidente da Amig, a redução foi de R\$ 2 milhões por mês.

O relator do código, deputado Leonardo Quintão (PMDB-MG), diz que sua intenção é votar até o fim do ano, mas que o setor teria entrado em contato com integrantes da comissão para pedir mais discussões sobre a proposta. "As empresas querem expor o cenário atual, que é bem preocupante, e discutir como essa nova lei vai impactar em um momento de crise", afirma. "Amanhã vou colocar para a comissão decidir."

O governo queria estabelecer as alíquotas da Cfm por decreto para poder modificar o percentual dependendo do preço das commodities minerais, que é bem variável. Prefeitos e governadores dependentes dessa compensação, porém, pressionaram para que a lei já contasse com o valor das taxas para terem mais previsibilidade sobre suas receitas. Parte dos empresas também defende a inclusão na lei, com receio de uma "canetada" do governo para arrecadar mais, mas não há consenso nesse tema.

Com esse impasse, ganha força a discussão de que a lei estabeleça uma margem, dentro da qual o governo poderá modular por decreto as alíquotas. "Não há consenso nem solução pronta, mas essa sugestão da banda eu gostei muito, é mais condizente com o dinamismo dos preços do setor", afirma o deputado Gabriel Guimarães (PT-MG), presidente da comissão que discute o código.

O grupo que discute o código está parado há sete meses devido ao período eleitoral. Quintão quer aprovar esta semana requerimento para realização de duas audiências públicas para discutir o novo cenário e ouvir o posicionamento de prefeitos e empresários. Os governadores eleitos, como Fernando Pimentel (PT), em Minas Gerais, teriam demonstrado interesse em opinar.

Um empresário ouvido pelo **Valor**, contudo, diz que não há interesse das empresas em aprovar o texto agora, que causaria aumento na carga tributária em um momento de queda de receita, e que o projeto também não é mais prioridade para o governo até o fim do ano - o Executivo está mais preocupado em alterar a Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) para fechar as contas.

Sete integrantes da comissão ouvidos pelo **Valor** também confirmaram a dificuldade de votar o texto no colegiado nesta legislatura. Restam menos de quatro semanas até o recesso e não há acordo sobre pontos centrais - além da alíquota, de quem é o direito de exploração das jazidas descobertas e o montante de recursos da futura Agência Nacional de Mineração, que substituiria o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM).

"As posições ficaram um pouco radicais e não estamos nem próximos de um consenso que permita votar", diz o deputado Beto Faro (PT-PA). "Teremos que discutir de novo. O cenário brasileiro é muito diferente do de quatro ou cinco meses atrás, quando o relatório foi apresentado, e vários fatores se alteraram. Não podemos aprovar um projeto que quebre as mineradoras ou perdemos empregos e receita", defende o deputado Marcos Montes (PSD-MG).

"Sobre a questão da taxação, estamos noutro momento. Eu acho que temos que repensar os percentuais", disse ele, que elogiou o trabalho do deputado Quintão ao ouvir diversas opiniões, segundo o executivo, para elaborar o texto do projeto. Mas com os preços achatados, o que foi discutido não cabe mais.

"Na minha opinião, os percentuais têm de ser revistos. O que se discutiu era uma taxaço entre 2% e 4% da base bruta de vendas. Era num ambiente tal e agora estamos em outro ambiente."

A Anglo American fez em outubro seu primeiro embarque de minério de ferro do sistema Minas-Rio, um projeto de US\$ 8,8 bilhões que passou por várias dificuldades, atrasos nas obras e aumento de custos. O minério sai da região de Conceição do Mato Dentro (MG) e é levado por um extenso mineroduto até o Porto do Açú, em São João da Barra (RJ).

Para o executivo, outra discussão necessária, porém, admite ele, mais difícil, é a redução da carga tributária em geral. Mas o projeto do código mineral já produziria, na sua opinião, muitos avanços. **(Colaborou Marcos de Moura e Souza, de Belo Horizonte)**

4-24/11/2014

Doações do setor ajudaram a eleger 180 parlamentares

Por **De Brasília**

Mesmo com as receitas em queda, o setor de mineração e metalurgia manteve-se como um dos mais ativos na campanha eleitoral deste ano e despendeu R\$ 47,7 milhões para ajudar 166 dos 513 deputados federais e 14 dos 27 senadores eleitos em outubro, mostra levantamento do **Valor** nas prestações de contas entregues ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

O setor mineral é um tradicional doador de campanhas eleitorais e tem especial interesse nas discussões do Legislativo a partir de 2015. O atual Código de Mineração data de 1967 e desde o fim do governo Lula é debatida uma atualização das normas. Em 2013, a presidente Dilma Rousseff encaminhou proposta sobre o tema, mas não houve acordo entre os envolvidos e a votação deve ficar para o próximo mandato.

Não por acaso, sete dos dez deputados eleitos que mais receberam verbas do setor ocupam hoje assento na comissão especial da Câmara que discute o novo marco legal do setor. Os outros três são César Souza (PSD-SC), que não é deputado atualmente, Iracema Portela (PP-PI), esposa do presidente nacional do PP, e Jutahy Magalhães Júnior (PSDB-BA), próximo ao setor e que tem vaga em outra comissão de interesse das mineradoras, a que discute a proposta de emenda constitucional (PEC) que determina a incidência de ICMS na exportação de minerais.

A lista é liderada por Guilherme Mussi (PP-SP), que recebeu R\$ 3,1 milhões da Indústrias Brasileiras de Artigos Refratários (Ibar), empresa de sua família que atua no ramo de metalurgia. O pepista, um dos integrantes da comissão do novo código da mineração, declarou ainda doação de R\$ 250 mil da Vale.

Em seguida estão o relator do código de mineração, Leonardo Quintão (PMDB-MG), que contabilizou R\$ 1,48 milhão em doações de nove empresas - a principal delas, da Vale, de R \$ 700 mil - e o deputados Luiz Fernando Faria (PP-MG), que registrou R\$ 1,4 milhão em contribuições de oito empresas - de novo, a maior é da Vale, de R \$ 800 mil.

Na eleição para o Senado Federal, em que estavam em disputa 27 das 81 vagas - as outras só serão renovadas em 2018-, as empresas do setor doaram R\$ 9,8 milhões para as campanhas de 14 eleitos. Assim que o texto do código for aprovado na Câmara dos Deputados será a vez dos senadores analisarem a matéria.

Quem mais recebeu foi a deputada Rose de Freitas (PMDB-ES), que participa da comissão do novo Código de Mineração na Câmara. Eleita senadora, ela tem como primeiro suplente um empresário do ramo: Luiz Pastore (PMDB), dono da Copper Trading, que deu R\$ 1,2 milhão para a pemedebista. Rose, que arrecadou R\$ 2,9 milhões do setor, recebeu ainda da Indústria Brasileira de Metais (Ibrame), Bramagran Mármore e Granitos e Vale.

Rose foi seguida por dois tucanos no ranking de arrecadação: os ex-governadores de Minas Gerais Antônio Anastasia e de São Paulo José Serra. Em ambos os casos, a Vale, que distribuiu dinheiro por meio de seis empresas do grupo, foi a maior doadora entre as empresas do setor.

A Vale, maior companhia de mineração do país, é também a que mais contribui com campanhas eleitorais este ano. Distribuiu R\$ 21,1 milhões para 109 deputados e senadores eleitos, mais do que as grandes empreiteiras, empresas de bebidas e bancos brasileiros, outros setores bastante procurados pelos parlamentares na época da eleição.

Também se destacaram nas doações a ArcelorMittal, que contribuiu com a eleição de 32 congressistas, a Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração (CBMM), que repassou dinheiro para 28 parlamentares, e a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), que doou para 26 deputados e senadores eleitos. São bancadas maiores, por exemplo, que as de partidos tradicionais como DEM, PDT e PCdoB.

5-24/11/2014

Lucro da divisão industrial da Votorantim sobe 52% no 3º trimestre

Por Ivo Ribeiro | Valor

SÃO PAULO - (Atualizada às 9h26) Beneficiada por melhor desempenho operacional, expansão das vendas em todas as áreas de negócios, melhora nos preços dos metais, câmbio e venda de excedente de energia no mercado livre, a Votorantim Industrial (VID) encerrou o terceiro trimestre com crescimento de 52% no lucro líquido.

A holding que abriga os principais negócios industriais do grupo Votorantim obteve ganho de R\$ 578 milhões no período, ante R\$ 381 milhões um ano atrás. O balanço foi divulgado ao mercado nesta manhã de segunda-feira. Ficam de fora da empresa o

negócio de suco de laranja e a área financeira do grupo Votorantim, que é operada em sociedade com o Banco do Brasil.

Na linha do desempenho operacional, a empresa alcançou Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortizações) de R\$ 2,38 bilhões, com aumento de 57% na comparação anual.

A margem saltou 11 pontos percentuais, para 32,2%, sobre a receita líquida. Com isso, no acumulado do ano, a margem foi elevada de 20,2% para 25,9%, com valor total de R\$ 5,39 bilhões.

No período, os negócios de cimento, metais, mineração e aços longos obtiveram aumento na receita líquida. Ao todo, a receita da Votorantim Industrial atingiu R\$ 7,39 bilhões, com crescimento de 4% ante o mesmo trimestre de 2013. A atividade de celulose de eucalipto, tocada pela Fibria, não é consolidada no balanço.

Dado o atual cenário econômico global e do país, considerado desafiador, João Miranda, presidente da holding, afirmou que os resultados da VID no trimestre são positivos, conforme o comunicado.

Investimentos

Os investimentos totais da Votorantim Industrial (VID) no terceiro trimestre subiram 19%, na comparação anual, somando R\$ 594 milhões. Quase um terço disso foi alocado na expansão do negócio de cimento. Quatro novas fábricas foram concluídas: duas no Ceará, uma no Pará e outra em Goiás. Com isso, a Votorantim Cimentos adicionou a sua capacidade 4,7 milhões de toneladas de produção anual.

A divisão de cimento, a mais lucrativa da VID, obteve receita líquida de R\$ 3,6 bilhões, alta de 4% frente ao verificado um ano antes. A empresa atribui o resultado à elevação de preços na Europa e à recuperação das economias nos EUA e Canadá, onde houve aumento de 12% na receita de vendas.

A Votorantim Cimentos terminou o trimestre com lucro líquido de R\$ 515 milhões, ante R\$ 442 milhões no mesmo período do ano passado. O resultado antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, em inglês) cresceu 2%, para R\$ 1 bilhão.

A divisão de metais não ferrosos, operada pela Votorantim Metais, teve queda nas vendas de alumínio (-17%), zinco (-3%) e níquel (-39%). Todavia, a receita líquida, que somou R\$ 2,3 bilhões (alta de 3%), foi compensada por aumento dos preços de metais no mercado global e pela valorização do dólar frente ao real.

Com a retração nas vendas de alumínio, atividade altamente eletrointensiva, a empresa comercializou excedente de energia no mercado livre. Essa receita extraordinária teve impacto direto no Ebitda. O negócio de alumínio registrou lucro de R\$ 90 milhões, enquanto os de níquel e zinco tiveram perda conjunta de R\$ 298 milhões.

Em mineração, com a peruana Milpo, a Votorantim obteve ganho de R\$ 57 milhões no período, frente a R\$ 41 milhões um ano antes. A receita líquida cresceu 10%, para R\$ 456 milhões, puxada por aumento da produção de concentrado de zinco e de 24% no preço da commodity.

A divisão de aços longos fechou o trimestre com prejuízo de R\$ 11 milhões, revertendo ganho de R\$ 19 milhões em igual período de 2013. A Votorantim Siderurgia, com atuação no Brasil, Argentina e Colômbia, teve queda de 4% nas vendas físicas de aço.

Assim, a receita líquida mostrou recuo de 1%, para R\$ 1,03 bilhão. O Ebitda declinou 16%, sob o impacto do maior custo de sucata no Brasil e ajuste de estoques na Argentina, apesar da melhoria de desempenho da unidade colombiana.

(Ivo Ribeiro | Valor)

6-24/11/2014

CSN e Namisa vão combinar negócios de mineração e logística

Por **Renato Rostás** | Valor

SÃO PAULO - (Atualizada às 10h50) A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e seus sócios asiáticos na Namisa assinaram acordo para combinar os negócios de mineração e logística relacionada à atividade de ambas as empresas, informou nesta segunda-feira a companhia de Benjamin Steinbruch em comunicado enviado à Comissão de Valores Mobiliários (CVM).

O contrato que prevê a fusão foi fechado entre as partes na sexta-feira à noite, acrescentou a siderúrgica. Se aprovada, a transação criará uma nova empresa para abrigar os ativos. Os conselhos de administração das partes relacionadas devem deliberar sobre a operação até 12 de dezembro.

A CSN divide o controle da Namisa com a Itochu, JFE Steel, a Sumitomo Metal Industries — hoje parte da Nippon Steel & Sumitomo Metal —, a Kobe Steel e a Nisshin Steel, do Japão, e com a Posco, da Coreia do Sul. As sócias brigavam para sair do negócio porque a mineradora não conseguiu alcançar metas de produção a tempo.

Quando as asiáticas exerceram o direito de saída do negócio, a siderúrgica brasileira ofereceu a fusão das atividades com a Casa de Pedra, que é a mina controlada pela CSN. As negociações se arrastavam há mais de um ano e o último prazo dado pelas parceiras era o fim de setembro.

O comunicado não indica qual será a divisão societária após a combinação dos ativos, mas atualmente a CSN controla 60% da Namisa, enquanto as sócias detêm os 40%

restantes do capital social. No total, os sócios investiram US\$ 3,1 bilhões na mineradora.

7-24/11/2014

Vale aumentará margens, diz diretor

Por **Francisco Góes | Do Rio**

A Vale tem uma forte posição competitiva no mercado de minério de ferro, apesar do cenário de queda nos preços. Em entrevista ao **Valor**, o diretor-executivo de finanças, Luciano Siani, disse que a empresa terá capacidade de ampliar as margens com base na capacidade de reduzir custos, seja de produção, com a entrada de novas minas em Carajás, no Pará, seja de logística, via uso dos navios Valemax, e também com o centro de distribuição na Malásia, recentemente inaugurado. Também acredita que a Vale terá condições de aumentar o preço de venda porque a qualidade do produto está aumentando. Siani afirmou ainda que os três principais sistemas produtivos da companhia - Norte, Sudeste e Sul - têm custos parecidos, cerca de US\$ 22 a US\$ 23 por tonelada, incluindo mina, usina de beneficiamento e transporte até o porto. Leia a entrevista a seguir.

Valor: *A Vale vinha trabalhando com um preço médio para o minério de ferro este ano na faixa de US\$ 100 por tonelada. A empresa mantém essa previsão?*

Luciano Siani: Vai ficar abaixo [de US\$ 100 por tonelada]. O ano está terminando e, se fizer a conta, não dá para dizer que vai ficar isso.

Valor: *Em quanto vai ficar?*

Siani: Hoje, prever o preço de minério de ferro a curto prazo é que nem prever o câmbio.

Valor: *Pode segmentar a posição competitiva dos diferentes sistemas de produção da Vale?*

Siani: Nós vamos apresentar os dados em detalhe no "Vale Day" [em Nova York, em 2 de dezembro] porque tem havido demanda dos investidores. Posso assegurar que a curva de custo, a competitividade das minas da Vale, excluindo o sistema Oeste [Corumbá], é praticamente igual. Existe concepção equivocada de que nosso sistema no Norte é muito mais competitivo. Já foi e voltará a ser, mas hoje nosso custo é aproximadamente o mesmo, na casa de US\$ 22 a US\$ 23 por tonelada, colocado no navio, em todos os sistemas. No sistema Norte esse custo foi menor e aumentou ao longo do tempo por conta das restrições ambientais e agora com o EIA Global [licença ambiental para expansão em Carajás] estamos eliminando. Nossa expectativa é voltar a ter mais competitividade no norte. O Sul e o Sudeste [em MG] estão muito competitivos. A mina de menor custo da Vale é Brucutu [MG].

Valor: *Pode dizer de quanto é?*

Siani: Prefiro não falar. Posso dizer que a diferença entre os sistemas Norte, Sudeste e Sul é marginal, diferença máxima de US\$ 1 por tonelada, no custo de produção, colocado no navio. O Sistema Sul é um pouco mais caro, alguns dólares, porque a Vale tem que pagar tarifa na MRS Logística [a concessionária ferroviária]. Mas a Vale é dona de parte da MRS, então o custo é mais alto, mas o dinheiro volta na forma de dividendo. Então, quando faz os ajustes, a competitividade entre os sistemas é muito semelhante.

Valor: *E no sistema Oeste?*

Siani: O sistema Oeste é menos competitivo porque não tem um sistema logístico eficiente para levar o minério de ferro para o mercado transoceânico. O minério desce por barcaça até o Rio da Prata. Nesse sistema, em um momento como este, precisamos vender localmente. As siderúrgicas da Argentina compram nosso minério e o sistema oeste tem uma parte importante de lump, minério granulado, que tem preço mais alto. Então, vendemos do sistema Oeste ou localmente ou o minério granulado. Porque, se vendesse o minério tradicional, o chamado sinter-feed, não conseguiria colocar esse minério na China de forma competitiva com o preço de hoje. Mas estamos falando de 5 milhões, 6 milhões de toneladas por ano.

Valor: *O custo de US\$ 22 por tonelada inclui mina e logística?*

Siani: O custo inclui mina, usina de beneficiamento, ferrovia, porto e também royalties e a Taxa de Fiscalização de Recursos Minerais (TFRM). Nossos concorrentes divulgam os custos sem considerar os royalties.

Valor: *Inclui as pelotas de ferro?*

Siani: Exclui pelotas. No caso de pelotas, é preciso adicionar o custo de transformação e comparar esse custo ao prêmio da pelota. Hoje, transformar minério fino em pelota agrega mais valor.

Valor: *O Citi publicou relatório apresentando números diferentes para os sistemas da Vale. Concorda com essa avaliação?*

Siani: A avaliação está errada. Mas eles não têm culpa porque não têm acesso aos números. A lição que fica é que temos que publicar essa informação e nós vamos fazê-lo. Mostrar no Vale Day e nas demonstrações financeiras.

Valor: *Como vê a Vale?*

Siani: A Vale tem oportunidade de ampliar as margens em três alavancas. A primeira é a redução de custo. Estamos com expectativa grande de que com a abertura das novas minas, a partir do segundo semestre [de 2015], quando as minas novas estiverem operando à plena capacidade, os custos vão cair. Acreditamos que vamos reduzir custos logísticos com a operação dos [navios] Valemax e com o centro de distribuição da

Malásia. E acreditamos que vamos melhorar a realização de preço porque a qualidade está aumentando. A produção de Itabira [MG], que há um ano e meio atrás produzia material de baixa qualidade, hoje produz material com 68% de minério de ferro, o que vai aumentar prêmio e reduzir descontos por sílica. Com redução de custo de produção e de custo logístico e aumento da qualidade, vamos aumentar margens de forma importante em qualquer cenário de preços. Estamos confiantes e vamos navegar bem em 2015 e 2016 e, a partir de 2017, com o projeto S11D a posição competitiva da Vale será insuperável.

8-24/11/2014

Cratera misteriosa surge ao lado de mina de potássio na Rússia

Até o fechamento, provocado por infiltrações de água salgada, mina produzia 3% de todo o potássio consumido no mundo

Um buraco misterioso de mais de cem metros de diâmetro surgiu em uma área urbana perto dos Montes Urais, na Rússia, ao lado de uma das maiores minas de potássio do mundo. Algumas casas teriam sido engolidas desde a terça-feira, 18, e os geólogos tentam encontrar explicações para o desastre.

A causa mais provável pode ser a ocorrência de infiltrações que provocaram o fechamento da mina, após inundação com água salgada. Até o fechamento, a mina produzia 3% de todo o potássio consumido no mundo. A área próxima foi interditada por medida de segurança e as autoridades garantem que não há risco para a cidade mais próxima, que fica a 3,5 quilômetros.

Em 1994, correntes subterrâneas de gás altamente pressurizado existentes em áreas de minas de sal causaram um terremoto na região.

A mina, chamada Solikamsk-2, produz mais de 2 milhões de toneladas de cloreto de potássio, utilizado industrialmente como fertilizante.

A empresa Uralkali, dona da mina, interrompeu a produção e evacuou a mina. Cerca de 2 mil trabalhadores foram temporariamente dispensados do trabalho.

A mina já desmoronou uma vez em janeiro de 1995, causando explosões de gás. O site de notícias russo V-Kurse diz que há várias casas próximas ao buraco, mas ainda não há confirmação sobre o desaparecimento de algumas delas.

A Uralkali divulgou comunicado informando que tomará todas as medidas necessárias para minimizar os efeitos do acidente.

“Há um plano claro para erradicar os efeitos do desastre o mais rápido possível”, diz a nota da empresa. “Vamos tomar todas as medidas necessárias para minimizar os efeitos

adversos do acidente para a empresa, investidores, parceiros e moradores da cidade de Solikamsk e o distrito Solikamsk”, acrescenta a nota. (EFE)

9-24/11/2014

CARPATHIAN INVESTE EM CONTROLE DE OPERAÇÃO DE MINA

A Carpathian Gold está implementando o sistema de controle de operação de mina Minetrack da Sodep para melhorar a produtividade da mina em sua subsidiária, Mineração Riacho dos Machados (MRDM), localizada nos municípios de Riacho dos Machados e Porteirinha, na região do norte de Minas Gerais.

Tal ação, tem como principal objetivo elevar o atual índice de utilização da frota, via apontamento eletrônico dos operadores nos equipamentos de carga e transporte, além de aumentar o nível de confiabilidade dos dados de produção, pois substitui as anotações feitas em planilhas.

Conforme o Consultor da MRDM, o Eng. Cleres Sampaio, “cada vez mais o mercado demanda maior eficiência operacional pela volatilidade nos preços dos minérios, por isto, buscamos sistematicamente elevar nossa produtividade e reduzir nossos custos”.

Com o Minetrack, a captura dos dados de produção da mina é automatizada e os respectivos relatórios gerados em tempo real, para análise e tomada de decisão dos gestores, isto tudo, acontecendo em ambiente totalmente dinâmico, o qual o mesmo cenário não se repete devido aos constantes avanços da exploração mineral.

A Sodep, acredita que o Minetrack inova em forma e conteúdo, pois tem como objetivo “alinhar-se com a realidade atual do mercado de mineração, levando tecnologia acessível às mineradoras de todos os tamanhos, as quais podem patrocinar o projeto exclusivamente via as oportunidades de redução em Opex, ou seja, sem necessidade de Capex”, afirma Marcos Andrade, Gerente Executivo da Sodep.

Fonte: Assessoria

10-24/11/2014

THYSSENKRUPP PLANEJA INVESTIR R\$ 2 BILHÕES NO BRASIL

Em conferência de imprensa realizada na última quinta-feira, na Alemanha, a companhia anunciou EBIT de 1,3 bilhão de euros, com lucro líquido de 195 milhões de euros. Com recorde de vendas, a ThyssenKrupp Brasil contribuiu para o desempenho do grupo e anuncia a intenção de investir R\$ 2 bilhões nas diversas operações que mantém no País nos próximos cinco anos.

Segundo comunicado distribuído pela assessoria de imprensa, a ThyssenKrupp Brasil contabilizou receita anual superior a R\$ 9 bilhões no ano fiscal (outubro/2013 a

setembro/2014), com crescimento de 15% em relação ao período anterior. Com uma nova estratégia que visa uma atuação integrada e diversificada no País, a ThyssenKrupp conseguiu obter bons resultados, mesmo diante de um cenário econômico desafiador, informa a empresa.

O comunicado informa que o plano de investimentos de R\$ 2 bilhões será realizado conforme a evolução do mercado. O foco será em novas linhas e tecnologias na área de componentes, aumento da capacidade produtiva na área de elevadores e melhorias operacionais na CSA.

Todas as divisões do grupo alemão que mantêm operações no Brasil obtiveram bons resultados no período. Na área de Componentes Automotivos, apesar da desaceleração do mercado brasileiro e argentino, a empresa compensou a produção através de forte aumento no volume de exportações para os Estados Unidos e Europa. Nesta área, no primeiro semestre de 2015, a empresa iniciará a produção de eixos-comando de válvulas na nova fábrica da ThyssenKrupp Valvetrain que está sendo construída em Poços de Caldas (MG), na qual serão investidos R\$ 250 milhões.

Elevadores - A ThyssenKrupp Elevadores do Brasil resgistrou recorde de vendas e produção. A empresa, que finaliza a expansão da capacidade produtiva de sua planta no Rio Grande do Sul, tem se fortalecido na área de soluções sustentáveis e mobilidade vertical, inclusive para projetos de infraestrutura como metrô e aeroportos.

Industrial Solutions - Com inauguração do seu novo Service Center prevista para o início de 2015 em Santa Luzia, Minas Gerais, a área de soluções industriais fechou contratos para a prestação de serviços avançados ao setor de mineração.

Material Services - Na área de serviços e materiais, a empresa fortaleceu a sua atuação no segmento aeroespacial e garantiu a sua participação na produção de novas aeronaves fabricadas no Brasil, além de expandir suas atividades em serviços de fundação e contenção para a construção civil e portuária.

Siderurgia - A CSA, por sua vez, bateu recorde de produção atingindo a marca de 4.100 milhões toneladas de aço, o que representa aumento de 16% comparado ao mesmo período do ano anterior.

Fonte: Usinagem Brasil

11-24/11/2014

ALE VENCE CATEGORIA 'ESCOLHA DO PÚBLICO' EM PRÊMIO DO SETOR DE AÇO

A edição 2014 do Swedish Steel Prize, única premiação mundial do setor de aço, entregou à Vale o prêmio de “escolha do público”, pelo sistema de triagem

desenvolvido entre 2012 e 2013 na mina de Carajás, no Pará. A cerimônia de entrega das honrarias ocorreu na última quinta-feira (20), em Estocolmo, na Suécia.

O projeto premiado da Vale consiste na construção de uma grelha de aço de alta resistência que impede que blocos de minério de ferro com mais de 27 toneladas, despejados pelos caminhões mineradores, entrem na moega.

Utilizando a Hardox 450, a Vale projetou uma nova geração de grades de triagem para aplicação, primariamente, dentro da mineração de grande escala e pedreiras. A nova grade oferece redução no tempo de paralisação devido a um melhor fluxo do material e manutenção mais fácil, o que proporciona uma maior economia de custos e ao meio ambiente.

Todo o projeto custou R\$ 40 milhões e, nos primeiros três meses de aplicação, trouxe um retorno de cerca de R\$ 200 milhões para a mineradora. "Com isso, conseguimos garantir que cumprimos nosso plano de produção com custos menores", disse Ueld José da Nóbrega, engenheiro da Vale que recebeu o prêmio.

Com a nova grelha, a Vale conseguiu, ainda, reduzir em 92% o tempo gasto com manutenção. "Agora ela praticamente não para, somente para fazer a limpeza comum. Antes, ela parava a cada dois dias", afirmou Nóbrega.

O prêmio principal foi concedido à Belaz, fabricante de caminhões mineradores do Belarus. O projeto da empresa consiste na construção do maior caminhão minerador já feito no mundo, com capacidade de carregar até 450 toneladas de minério.

Concedido anualmente SSAB desde 1999, o Swedish Steel Prize foi criado para aumentar o conhecimento em torno do uso de aço de alta resistência visando o desenvolvimento de produtos mais leves, seguros e sustentáveis.

A SSAB é uma empresa nórdica de produção de aços com instalações na Suécia, Finlândia e nos Estados Unidos e conta com representantes espalhados em 50 países.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

12-24/11/2014

**OS DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO NOS TERRITÓRIOS
MINERAIS**

Os desafios para o desenvolvimento nos territórios minerais

Um talk-show com o tema "Mineração: consolidando o desenvolvimento nos territórios minerais", durante a EXPOSIBRAM Amazônia 2014, colocou em debate os desafios da mineração e os caminhos para que o setor possa contribuir com a melhoria da qualidade de vida das comunidades. O encontro reuniu Cloves Carvalho, diretor do Instituto Votorantim; Andreia Rabetim, gerente de Parcerias da Fundação Vale; **Jenny Karlsen**, assessora estratégica do PNUD/ONU; **Adnan Demachki** (na foto abaixo, ao lado de Jenny), secretário Especial de Estado de Proteção Social e Desenvolvimento Social, e a jornalista Úrsula Vidal, que mediou o debate. Adnan Demachki destacou a necessidade de pactuação entre governança local e a sociedade, que deve participar do processo desde a sua concepção até a execução. Cloves Carvalho, diretor do Instituto Votorantim, ressaltou que o principal agente de desenvolvimento no município é o setor público, mas isso não isenta a responsabilidade das empresas em contribuir, principalmente, com a qualificação. "Temos um importante papel, que é capacitar os gestores públicos e contribuir para atrair investimentos para que a população tenha melhor qualidade de vida", afirmou Cloves. "A educação nesse cenário tem um papel transformador. Nosso anseio é que o impacto

econômico gerado pelos empreendimentos minerais seja transformado em benefícios sociais para a comunidade", disse. Jenny Karlsen, da PNUD/ONU, comentou que criar governança e estabelecer diálogo com as comunidades é um desafio não apenas da mineração, mas global. "No Brasil, trabalhamos há 40 anos com desenvolvimento local e sustentável; nos últimos dez anos, com o olhar mais abrangente junto ao setor privado. Acreditamos que essas discussões de como estabelecer a parceria de todos os atores, poder público, setor privado e comunidade é o grande desafio", destacou. Além da relação de parceria, Andreia Rabetim, gerente de Parcerias Intersetoriais da Fundação Vale, acredita que é preciso identificar as especificidades de cada local para saber as necessidades imediatas da comunidade. "Não adianta querer, por exemplo, inaugurar um hospital de alta complexidade se naquela comunidade o problema é a atenção básica", exemplificou.



Fonte: O Liberal

13-24/11/2014

"O FUTURO DO BRASIL ESTÁ LIGADO AO DA AMAZÔNIA"

Com doze anos de trabalho e vivência na Amazônia, dez deles morando aqui, inclusive no Pará, o presidente do Instituto Brasileiro de Mineração, José Fernando Coura, se diz convencido de que o futuro do Brasil está fortemente atrelado ao futuro da Região Norte do país e, em particular, ao futuro do Pará. Em Belém, durante esta semana, para participar da EXPOSIBRAM Amazônia e do IV Congresso Internacional de Mineração, realizado no Hangar, José Fernando Coura admitiu que o setor mineral vive

um momento extremamente delicado, com a queda em cascata de preços das principais commodities.

O presidente do **IBRAM** destacou que o setor tem posição inarredável contrária ao aumento da carga tributária, inclusive no plano estadual, e disse que o país precisa investir é no aumento da competitividade. Sobre o Pará, especificamente, destacou que o Estado tem um potencial formidável, ainda não adequadamente reconhecido pelo governo central.

Ele admitiu que há problemas, como acontece na siderurgia, mas garantiu que o **IBRAM** será parceiro do Pará na materialização dos planos que levem industrialização plena da cadeia mineral no Estado.

Segue os tópicos principais da entrevista por ele concedida ao DIÁRIO DO PARÁ.

P: O senhor vê perspectivas para a superação da crise que hoje afeta o setor mineral brasileiro em curto prazo?

R: Primeiro que a palavra crise talvez não seja a mais apropriada para definir a situação atual. O que está acontecendo é um momento de queda generalizada nos preços das commodities, e isso naturalmente afeta a indústria de mineração, no Brasil e no mundo.

P: O Brasil está apto a superar o momento atual de dificuldades, como estão fazendo outros países afetados pela crise?

R: Como presidente do **IBRAM** e representante da mineração brasileira, posso dizer que estamos tratando exatamente disso. No **IBRAM**, a gente vem trabalhando principalmente no sentido de consolidar a **EXPOSIBRAM Amazônia** o IV Congresso de Mineração da Amazônia. A visão que nós temos é de que o futuro do Brasil está muito ligado ao futuro da Amazônia. Nós não temos dúvidas de que Belém já é hoje um importante centro de decisão da política mineral do país. E nesse cenário o Pará ocupa um lugar de destaque.

P: Os Estados mineradores, como o Pará, são os mais afetados. Como será possível reverter tal situação?

R: Sem dúvida, mas como eu disse, a gente está buscando fórmulas para superar as dificuldades. Com a Exposição e o Congresso Internacional de Mineração, realizados aqui em Belém, nós tivemos minicursos, workshop discutindo a bauxita, a alumina e o alumínio, discussões sobre o ensino, tecnologias, qualificação profissional, meio ambiente, mudanças climáticas e temas afins. Isso significa que estamos nos preparando para o futuro. Eu costumo dizer que a mineração é o marco zero da cadeia industrial. A mineração está na origem de todo o processo. Agora, é inegável que nós estamos vivendo um momento difícil, com os preços em queda das commodities. E note que estamos falando de preços internacionais. Isso independe de política local. Há queda do

minério de ferro, há queda do ouro, há queda do alumínio, do zinco, do níquel, do cobre. Há queda do petróleo e também da soja. Portanto, isso tudo é uma crise internacional que afeta a rentabilidade dos projetos e das empresas, no Brasil e lá fora.

P: Há algum aprendizado a se tirar do momento atual de dificuldades?

R: Com certeza. O momento de crise serve para a gente valorizar eventos como a **EXPOSIBRAM Amazônia** e o Congresso Internacional de Mineração. O minerador deve ter consciência. Tecnologia, sustentabilidade ambiental e competitividade. Vai sobreviver quem tiver esse trinômio. É um pilar com três pés. Isso significa o quê? Que cada um terá de revisar seus processos. Terá mais chances de sobreviver quem tiver menor consumo de energia elétrica por produção de minério, maior recuperação no processo, maior reutilização da água, tecnologia nos equipamentos e por aí vai. A crise é uma crise internacional, que se abate sobre a mineração no mundo. Mas eu digo o seguinte: os Estados Unidos dão sinais de recuperação econômica. A Europa está ali meio parada, mas também já emite sinais. E a China é a China. Mesmo em queda, o PIB chinês ainda é muito grande, e isso ajuda. Tudo isso nos remete ao futuro, e pensando no futuro nós devemos ver a crise como uma janela de oportunidades.

P: Que tipo de oportunidades, por exemplo?

R: No Brasil, nós temos particularmente para o setor mineral uma oportunidade fantástica. Vamos fazer uma análise. Não precisa nem ser de país, não. Fazemos da Amazônia. A necessidade que nós temos ainda de portos, de ferrovias, de rodovias, de infraestrutura, de saneamento, habitação... E você sabe que tudo isso é demandante de bens minerais. Então o Brasil tem a possibilidade de investir na sua infraestrutura, o que é uma grande oportunidade para o setor mineral. Basta imaginar o déficit habitacional do Pará. Basta imaginar todo o trabalho de infraestrutura que precisa ser feito aqui na Amazônia. Então essa é uma oportunidade para a mineração, para a indústria mineral brasileira.

P: O Pará continua sendo até hoje um simples exportador de minério bruto. Esta é uma condição inaceitável para a sociedade paraense. De que forma o IBRAM pode contribuir para mudar a situação atual?

R: Eu concordo e estou sempre do lado dos meus conterrâneos paraenses, porque a gente sabe que é preciso viabilizar cada vez mais a industrialização dos bens minerais no país. Mas para isso também temos limites. Na questão siderúrgica, por exemplo, há de se convir que nós temos uma grave crise internacional na siderurgia. Hoje nós temos um excedente de produção de 500 milhões de toneladas de aço. O Brasil produz 40 milhões, e há um excedente de 500 milhões no mundo. Então isso é uma grave crise. Mas as crises são passageiras, e eu entendo que as oportunidades serão dadas na medida em que forem passando certas marcas que a indústria brasileira defende. Veja o caso da tão decantada reforma tributária. Nós precisamos nos debruçar sobre temas importantes que vão trazer competitividade. Sem esses temas não tem nenhum empresário que resista. E tem um detalhe: lucro é dádiva, não é pecado. Sem lucro não tem

reinvestimento. Ninguém monta projeto para perder dinheiro. Ninguém aposta num cavalo perdedor. Então, o que eu digo é o seguinte: nós temos de encontrar uma forma de fazer a reforma tributária. É necessário, também, fazer uma reforma trabalhista. Uma reforma que garanta os direitos, mas que dê a liberdade na contratação de funcionários. A questão ambiental é gravíssima, considerando-se os entraves burocráticos, porque ninguém quer fazer nada que não esteja de acordo com a legislação. À medida que essas reformas políticas, institucionais e econômicas forem feitas, o Brasil poderá se tornar mais atrativo para os investimentos.

P: O problema é que a reforma tributária nunca sai do papel. Quem garante que vai sair agora?

R: De fato, não há garantias, e enquanto isso vamos convivendo com nossos problemas. Por exemplo: um fato muito sério no Brasil é que nós somos um dos poucos países do mundo que tributa investimento. Se eu vou montar uma padaria, quando compro a máquina eu já pago imposto. Ou seja, pago antes de produzir. Os impostos devem incidir sobre o produto, sobre o valor agregado à produção. No Brasil, a voracidade fala mais alto que a racionalidade.

P: Independentemente desses problemas, o fato é que o Pará e a Amazônia não podem continuar sendo tratados como meros almosarifados do Brasil. O senhor não concorda?

R: Estou de pleno acordo. Nós devemos ter a oportunidade de utilizar os recursos naturais da Amazônia, em benefício da população local e do país. Mas veja que nem tudo são flores. Basta ver a dificuldade em que nós estamos com a indústria do alumínio. Nós precisamos definir uma política energética. Sem energia a custo competitivo, ninguém consegue montar uma nova planta de alumínio. Nós precisamos trabalhar em defesa do polo metal mecânico do Pará. Precisamos executar o derrocamento do Pedral do Lourenço, para consolidada a hidrovia Tocantins/Araguaia. São obras necessárias para elevar a competitividade do Pará. Eu enxergo o Pará como um Estado de potencial formidável, e o Brasil todo deve também reconhecer isso. Até mesmo pela contribuição decisiva que o Pará dá para o saldo da balança comercial brasileira, o que ajuda a garantir a estabilidade econômica do país.

P: Fontes do Governo Estadual já anunciam, para 2015, uma nova legislação tributária específica para o setor mineral. O IBRAM acredita que possa estar vindo aí um pacote tributário incidente sobre os minérios?

R: Falar em aumento de carga tributária no Brasil é um contrassenso. Mais do que pensar em criar ou aumentar impostos, o que a gente precisa, no Brasil, é de um novo pacto federativo. Não é possível que um percentual tão elevado de receitas permaneça concentrado em poder da União.

Fonte: Diário do Pará

14-25/11/2014

CSN firma termos para fusão da Namisa

Por **Renato Rostás e Ivo Ribeiro** | De São Paulo

Após um longo período de negociações com seus sócios asiáticos - uma trading japonesa e um grupo de siderúrgicas do Japão, Coreia do Sul e Taiwan -, a Cia. Siderúrgica Nacional (CSN) anunciou ontem que firmou "acordos prevendo a combinação dos negócios de mineração e parcela da logística correlata de CSN e Namisa". Segundo a empresa, esses ativos serão segregados em uma nova companhia de mineração.

Ainda sem detalhes de como será desenhada a combinação desses ativos, investidores e analistas de bancos trabalhavam ontem com a ideia de que os sócios asiáticos da terão na nova empresa uma participação de 10% a 15%. O plano envolve a fusão da Namisa, na qual a CSN tem 60% e o grupo asiático 40%, com a mina de ferro Casa de Pedra, além de participações em ferrovias e porto.

Analistas consultados pelo **Valor** acreditam que, levando em consideração a capacidade próxima a 40 milhões de toneladas por ano de Casa de Pedra, que é 100% da CSN, e algo próximo a 20 milhões de toneladas de perspectiva da Namisa, a fatia que os asiáticos possuem hoje na atual empresa ficaria em até 15%. O BTG Pactual, contudo, enviou relatório a clientes no decorrer do dia, no qual projetava de 15% a 20%. Atualmente, a Namisa opera no nível de 7 milhões de toneladas/ano.

O banco, contudo, admitiu que a siderúrgica controlada pela família Steinbruch, dona de mais de 50% do capital acionário, não forneceu maiores detalhes sobre a operação e que cálculo ainda era inicial. Não se sabe quem deverá aportar recursos ou como será a estrutura da nova empresa, o processo de cisão de Casa de Pedra e das participações de logística.

Fontes ligadas ao consórcio asiático disseram que há um desenho prévio de como a transação será realizada, mas os parâmetros ainda não estão fechados. A expectativa é que a CSN continue forçando para melhorar as condições financeiras de sua proposta até 12 de dezembro, data fixada para que os conselhos de administração decidam se aprovam ou não a fusão.

Procurada, a CSN não concedeu entrevista para explicar o acordo preliminar com os sócios.

O **Valor** apurou também que, como o acordo ainda é preliminar e provavelmente serão feitos aditivos ao contrato, as parceiras da CSN não esperavam que o tema já fosse divulgado ao mercado. Não se sabe ainda se o motivo foi o vazamento de informação, mas a ideia era revelar a associação quando as condições já estivessem todas concluídas.

A participação dos sócios asiáticos na Namisa pertence, em diferentes fatias, à Itochu, JFE Steel, Kobe Steel e Nisshin Steel, do Japão, à sul-coreana Posco e à China Steel, de

Taiwan. O Itaú BBA é o assessor financeiro do grupo na negociação e o escritório Machado, Meyer, Sendacz e Opice, na área jurídica. Goldman Sachs e Barbosa, Müssnich e Aragão assessoram a CSN.

Em relatório dos analistas Artur Losnak e Yannick Bergamo, a Fator Corretora destacou ontem que a forte desvalorização do minério de ferro no mercado à vista provavelmente vai minar os potenciais ganhos da CSN com o negócio. Para a eles, o preço deve ser adverso.

Porém, tanto a Fator como o BTG dizem que o negócio pode aliviar a pressão que incide sobre as ações da companhia desde que o imbróglho veio à tona. Os investidores temiam que CSN fosse obrigada a desembolsar caixa para readquirir os 40% dos sócios asiáticos, o que pressionaria ainda mais sua saúde financeira. "Entretanto, continuamos cautelosos em relação ao papel. Ainda está pouco claro o quanto de valor a transação pode criar para a CSN e continuamos antecipando uma alavancagem cada vez maior daqui para frente", dizem Leonardo Correa e Caio Ribeiro, no relatório do BTG.

As ações da CSN, depois de subirem quase 7% na máxima de ontem, a R\$ 7,13, terminaram em alta de 1,2%, cotados em R\$ 6,76.

15-25/11/2014

Votorantim lucra R\$ 578 milhões

Por **Ivo Ribeiro** | De São Paulo

Beneficiada por melhor desempenho operacional, expansão das vendas em todas as áreas de negócios, melhora nos preços dos metais, câmbio e venda de excedente de energia no mercado livre, a Votorantim Industrial (VID) encerrou o terceiro trimestre com crescimento de 52% no lucro líquido.

A holding que abriga os principais negócios industriais do grupo Votorantim obteve ganho de R\$ 578 milhões no período, ante R\$ 381 milhões um ano atrás. O balanço foi divulgado ao mercado ontem de manhã. Na linha do desempenho operacional, a empresa alcançou Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortizações) de R\$ 2,38 bilhões, com aumento de 57% na comparação anual.

A margem saltou 11 pontos percentuais, para 32,2%, sobre a receita líquida. Com isso, no acumulado do ano, a margem foi elevada de 20,2% a 25,9%, com valor total de R\$ 5,39 bilhões.

No período, os negócios de cimento, metais, mineração e aços longos tiveram aumento na receita líquida. Ao todo, a receita da VID atingiu R\$ 7,39 bilhões, com crescimento de 4% ante o mesmo trimestre de 2013. A atividade de celulose de eucalipto, tocada pela Fibria, não é consolidada na VID.

Dado o atual cenário econômico global e do país, considerado desafiador, João Miranda, presidente da holding, disse que os resultados no trimestre são positivos, conforme o comunicado.

Os investimentos totais da holding subiram 19%, na comparação anual, somando R\$ 594 milhões. Quase um terço foi alocado na expansão de cimento. Quatro novas fábricas foram concluídas: duas no Ceará, uma no Pará e outra em Goiás. Com isso, a Votorantim Cimentos cresceu a capacidade de produção em 4,7 milhões de toneladas do produto por ano.

A divisão de cimento, a mais lucrativa da VID, teve receita líquida de R\$ 3,6 bilhões, alta de 4% frente ao verificado um ano antes. A empresa atribui o resultado à elevação de preços na Europa e à recuperação das economias nos EUA e Canadá, onde houve aumento de 12% na receita de vendas. A VC terminou o trimestre com lucro líquido de R\$ 515 milhões, ante R\$ 442 milhões de um ano atrás. O Ebitda cresceu 2%, para R\$ 1 bilhão.

A divisão de metais não ferrosos, operada pela Votorantim Metais, teve queda nas vendas de alumínio (-17%), zinco (-3%) e níquel (-39%). Todavia, a receita líquida, que somou R\$ 2,3 bilhões (alta de 3%), foi compensada por aumento dos preços de metais no mercado global e pela valorização do dólar frente ao real.

Com a retração nas vendas de alumínio, atividade altamente eletrointensiva, a empresa vendeu excedente de energia no mercado livre. Essa receita extraordinária teve impacto direto no Ebitda. O negócio de alumínio registrou lucro de R\$ 90 milhões, enquanto os de níquel e zinco tiveram perda conjunta de R\$ 298 milhões.

A mineradora peruana Milpo teve te ganho de R\$ 57 milhões no período, frente a R\$ 41 milhões do mesmo trimestre de 2013. A receita líquida cresceu 10%, para R\$ 456 milhões, puxada por aumento da produção de concentrado de zinco e de 24% no preço da commodity.

A divisão de aços longos fechou o trimestre com prejuízo de R\$ 11 milhões, ante ganho de R\$ 19 milhões um ano atrás. A Votorantim Siderurgia teve queda de 4% nas vendas físicas de aço. Assim, a receita líquida caiu 1%, para R\$ 1,03 bilhão, e o Ebitda declinou 16%.

16-25/11/2014

Tia Maria aguarda licença para receber US\$1.2 bilhões

Nos últimos dois anos a Southern Copper Corp, uma das grandes produtoras de cobre do mundo, vem lutando para conseguir a aprovação para a construção de seu projeto de cobre Tia Maria, localizado em Arequipa no Peru. A tramitação foi lenta em função do antagonismo da população local preocupada com o uso da água, escassa naquela região. Em 2009, em um referendo, 90% da população local votou contra o projeto.

Em 2011 o projeto foi paralisado e, somente agora, os problemas foram contornados e a licença pode sair. Caso a autorização seja publicada as obras começarão no início de 2015 e a mina poderá entrar em produção em dois anos. Tia Maria é um cobre pórfiro com 640Mt@0,39% Cu e 0,19g/t Au. A mina será uma operação a céu aberto com CAPEX de US\$1,2 bilhões que produzirá 120.000t de cobre ao ano.

Fonte: www.geólogo.com.br

17-25/11/2014

Austrália não sobrevive sem a mineração diz Gina Rinehart

Gina Rinehart é a herdeira do grupo de mineração Hancock Prospecting e a pessoa mais rica da Austrália. Hoje ela atacou a “negatividade” com que a indústria mineral é vista. Segundo Gina a mineração é a maior responsável pelas exportações australianas, gerando faturamentos superiores a US\$200 bilhões e empregando uma multidão de australianos direta e indiretamente. A mineração emprega “em áreas onde não existe nenhum outro tipo de emprego”.

Gina reclama que apesar da enorme importância da mineração existem poucas vozes falando pela indústria e que as pessoas deveriam se organizar e lutar pela indústria mineral. No seu discurso ela faz uma pergunta “aos homens de pouca visão”: – “você realmente acreditam que nós podemos sobreviver sem a mineração?”

Ela complementa: – “se eles forem honestos, a resposta será não”. Junto com Gina Rinehart outros executivos começam a se manifestar. O Chairman da Shell, Andrew Smith disse recentemente, que o ativismo e a propaganda contra a mineração são os maiores desafios do crescimento econômico australiano. A Austrália, que não pode viver sem a mineração, é o país com o melhor nível de vida do planeta, com apenas 23 milhões de habitantes e um PIB quase tão grande quanto o do Brasil...

Fonte: www.geólogo.com.br

18-25/11/2014

Reserva de ouro da Rússia está entre as sete maiores do mundo

Segundo o Banco Central da Rússia as reservas de ouro do país atingiram 1.169 toneladas, graças a uma expansão de 18,7t em outubro. Com isso os russos passam a ter a sexta maior reserva de ouro do mundo a frente da China com 1.054t. As reservas chinesas de ouro não são confiáveis. Acredita-se que elas sejam muito maiores e estão “congeladas” há cinco anos. O país com a maior reserva de ouro oficial é Os Estados Unidos com 8.133t seguido da Alemanha (3.384t) e do FMI que tem 2.184t.

Fonte: www.geólogo.com.br

19-25/11/2014

CENTAURUS CONFIRMA ALTO TEOR DE MINÉRIO DE FERRO EM CANDONGA

A Centaurus Metals confirmou ontem (24) o potencial de mineralização de alto teor de minério de ferro pronto para entrega (DSO, na sigla em inglês) em seu recém-adquirido projeto Candonga West, que fica cerca de oito quilômetros do projeto Candonga, em Minas Gerais.

De acordo com comunicado ao mercado nesta segunda-feira, o estudo magnético, recentemente concluído, confirmou a localização de um grande número de alvos identificados através do programa de mapeamento da superfície, que apontou novas anomalias com potencial para DSO de alto teor.

Os resultados proporcionam, entre outros benefícios, a oportunidade de a Centaurus estender a vida útil da mina de Candonga, que tem primeira produção prevista para o segundo trimestre de 2015.

De acordo com a Centaurus, os projetos Candonga e Candonga West estão localizados entre 80 e 160 quilômetros de uma provável base de clientes domésticos, onde é forte a demanda por minério de ferro granulado (lump).

O mapeamento magnético da área do projeto Candonga West mostrou extensões da mineralização de alto teor em quatro alvos: Harpia, Arara, Gavião e Papagaio. No alvo Harpia, o material pode ser rastreado ao longo de um filão de cerca de 800 metros. No entanto, os resultados mostram potencial para estender-se por até 1,2 quilômetro, juntando-se ao alvo Tucano.

Novos resultados de amostras destes alvos apontaram teores de mais de 66%, com baixo nível de impurezas. Um novo alvo, nomeado Urutau, foi identificado a cerca de 1 quilômetro a leste do alvo Papagaio.

Os novos resultados reforçam a estimativa inicial de recursos de 3,5 milhões a 8 milhões de toneladas de DSO, com teor de 64% a 67% de ferro, com mais 20 milhões a 40 milhões de toneladas de mineralização de itabiritos com teor de 35% a 45% de ferro.

De acordo com o diretor administrativo da Centaurus, Darren Gordon, o trabalho de exploração preliminar em Candonga West tem retornado resultados interessantes, aumentando a confiança da companhia no potencial DSO de alto teor do projeto.

"As informações das pesquisas magnéticas e do mapeamento do solo nos ajudou a definir as metas de sondagem para o primeiro trimestre do próximo ano, que nos permitirá definir os recursos JORC iniciais de Candonga West", afirmou Gordon.

Segundo ele, à medida que a empresa avança no desenvolvimento de Candonga, com baixo custo operacional, está ficando claro um crescimento de longo prazo em Candonga West que, de acordo com Gordon, tem potencial para se tornar o segundo polo de produção de minério de ferro DSO da companhia.

O projeto Candonga é um depósito satélite localizado a 33 quilômetros ao sul do projeto de minério de ferro Jambreiro, o principal ativo da Centaurus no Brasil.

O estudo de viabilidade de Candonga, recentemente concluído, apontou capacidade de produção de 300 mil toneladas de DSO por ano, em uma operação de baixo custo, necessitando de investimentos na ordem de US\$ 3,14 milhões.

A mineradora garantiu a aquisição de Candonga West através de um pacote de direitos minerários que inclui quatro autorizações de pesquisa, para um total de 4.051 hectares, além de 12 requerimentos de autorizações de pesquisa e outras três áreas que totalizam 11.786 hectares.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

20-26/11/2014

Minas S/A

O governador eleito de Minas Gerais, Fernando Pimentel, disse ontem, no Conexão Empresarial da VB Comunicação que a mineração em Minas Gerais é vital e que o governo não pode errar a mão. “Nós não podemos nem ser lenientes com a autorização de novos empreendimentos e nem ser tão rigorosos que afaste o investimento daqui”. Pimentel citou o caso da Vale, companhia que há dez anos não abre uma nova jazida em Minas Gerais. “Tem alguma coisa esquisita nisso”.

Abolição na Austrália

Fernando Pimentel contou em palestra de 32 minutos no Conexão Empresarial que a Austrália –maior produtor de minério do mundo – aboliu, neste ano, qualquer imposto sobre a atividade mineral. “É obvio que é outra realidade, nós não podemos fazer isso nunca aqui”. Para Pimentel, a Austrália reconheceu sua atividade principal como mineradora.

Fonte: O Tempo

21-26/11/2014

Fusões e aquisições em mineração no Brasil caem 66% no 1º semestre, diz estudo

O número de fusões e aquisições envolvendo empresas brasileiras de mineração caiu 66 por cento nos primeiros seis meses deste ano, frente ao mesmo período do ano passado, para duas transações, enquanto os recursos movimentados nesses negócios caíram quase 100 por cento, para apenas 1,42 milhão de dólares, segundo estudo semestral da Ernst & Young (EY).

Os dados levantados indicaram, no entanto, que essa queda nas transações é uma tendência internacional. No mundo, o volume de negócios caiu 34 por cento, para 254 transações, e o valor total caiu 69 por cento, para 16,7 bilhões de dólares.

De acordo com a EY, uma incerteza sobre a demanda chinesa somada às baixas nos preços de minério de ferro e carvão reduziram o apelo desses segmentos para investimento.

“Entre 2010 e 2013, as fusões e aquisições em mineração sempre superaram os 120 bilhões de dólares. De agora em diante, não esperamos uma queda maior, mas o ano deve ser ruim”, disse o sócio líder em Fusões e Aquisições da EY, Vicktor Andrade, em nota.

Para a EY, o volume de negociações deve aumentar, mas com foco em transações de baixo risco pelo restante de 2014.

“O ouro ainda é a commodity mais desejada, responsável por mais de um terço do volume total de negócios do primeiro semestre”, destacou o estudo da EY. “A análise da EY antecipa interesse elevado em níquel e cobre movido por uma perspectiva de melhora no preço dessas commodities.”

Fonte: DCI

22-26/11/2014

Projeto Potássio do Amazonas é destaque em conferência no Panamá

O projeto Potássio do Amazonas foi um dos casos de sucesso apresentados durante a Exposição de Conferência Internacional sobre projetos econômicos, ambientais e sociais de mineração no bioma Amazônia, realizada na Cidade do Panamá, no período de 19 a 21 de novembro, pelo secretário estadual de Mineração, Geodiversidade e Recursos Hídricos (Semgrh), Daniel Nava, um dos conferencistas do evento.

O titular da Semgrh informou que, atualmente, o projeto, que se instalou no município de Autazes (a 108 quilômetros de Manaus), realiza pesquisas de prospecção também em Itacoatiara, Itapiranga e Nova Olinda. Em Autazes, a empresa Potássio Brasil, que detém o direito de pesquisa e exploração do minério nesta área, investiu, nos últimos cinco anos, mais de R\$ 180 milhões.

De acordo com Daniel Nava, desde início das atividades da empresa no município de Autazes, houve mudanças consideráveis no setor econômico e melhorias da qualidade de vida da população e também do poder público que passou a arrecadar mais com os impostos. “Observamos crescimento econômico, diversificação dos serviços ofertados, a instalação de agências bancárias, triplicou a oferta na rede hoteleira e o setor de transportes ganhou novas embarcações e veículos”, exemplificou o secretário, que

revelou, ainda, a instalação no Amazonas de uma nova empresa de projetos de sondagem para mineração e petróleo, em dezembro deste ano.

Ainda durante a conferência, o secretário Daniel Nava apresentou detalhes da política do Governo do Amazonas para o setor mineral, destacando a indústria petrolífera de Urucu, o projeto de Mineração do Pitinga e a relação da atividade com os indígenas e a reserva biológica, e a política estadual de formalização da atividade garimpeira. Exposibram Amazônia 2014 – O projeto Potássio do Amazonas também foi discutido pelo Governo do Amazonas na Exposição Internacional de Mineração da Amazônia realizada durante o 4º Congresso Brasileiro de Mineração na Amazônia, no período de 17 a 20 de novembro, em Belém, no Pará. Durante a realização do evento, o secretário de Mineração, Daniel Nava, se reuniu com representantes de empresas de mineração interessadas em prospectar investimentos no Amazonas.

Fonte: Assessoria

23-26/11/2014

Empresa diz que ganhou licença para retomar exploração mineral no AP

A Indústria e Comércio de Minérios S.A (Icomi), sucedida pela Tocantins Mineração, informou que recebeu na quarta-feira (19) a Licença de Operação (LO) para retomar as atividades no município de Serra do Navio, a 203 quilômetros de Macapá. Segundo a mineradora, o direito sobre o minério estocado e a ser extraído na cidade foi adquirido na Justiça. O licenciamento ambiental teria sido expedido pelo Instituto de Meio Ambiente e Ordenamento Territorial (Imap), que não confirmou a informação até a publicação desta reportagem.

Para a retomada dos trabalhos, a Icomi diz ter se comprometido em destinar 5% do faturamento a Serra do Navio, em cumprimento ao Plano de Recuperação de Área Degradada (PRAD), que faz parte do acordo judicial firmado para o início das atividades, além de contrapartidas sociais em benefício de entidades de preservação ambiental que atuam no estado.

A empresa que obtinha o direito de posse subscrito pelo Imap chegou a entrar com um pedido de provimento sobre o minério no município, mas ele foi negado pelo Tribunal de Justiça do Amapá (Tjap), através de decisão assinada pelo desembargador Agostino Silvério, segundo a diretoria da Icomi.

Fonte: G1

24-26/11/2014

Fipke de olho nos diamantes de Paranatinga

O lendário geólogo canadense Chuck Fipke, o descobridor dos primeiros kimberlitos mineralizados do Canadá, está entrando em uma joint venture com a Diamante Minerals. Fipke é o principal acionista da Mineração Batovi Ltda que tem blocos de áreas requeridas na região de Paranatinga no Mato Grosso. Na JV, a Diamante irá investir em torno de US\$3M para 49% da Mineração Batovi. Um número baixo se lembrarmos os negócios anteriores de Fipke.

Fipke se tornou famoso pela descoberta da jazida de diamantes de Ekati no Canadá. Este kimberlito foi o responsável pela grande fortuna do geólogo que, agora, pensa em replicar o feito em Paranatinga. Esta não é a primeira incursão de Fipke no Brasil. Ele já pesquisou vários prospectos, com sócios brasileiros, no passado recente, sem, no entanto, o sucesso do Canadá.

Nestas visitas Fipke se mostrou um prospector prático, sistemático, muito preocupado com a qualidade da amostragem e pouco ligado nas teorias que permeiam o mundo da pesquisa do diamante. Talvez por isso ele pensa investir em Paranatinga que não se enquadra no modelo teórico preconizado pelos experts. A região de Paranatinga é bastante conhecida pelos geólogos brasileiros e foi foco de programas exploratórios da De Beers e Rio Tinto. A Rio Tinto, na década de 90, cobriu uma vasta área de Paranatinga com aerolevantamentos geofísicos. A superposição de gama e mag com follow-up de sedimentos de corrente levou a descoberta de muitos kimberlitos.

No entanto, os kimberlitos de Paranatinga, ao contrário dos de Juína, se mostraram estéreis para diamante. Não foram encontrados, também, os minerais satélites formados no campo de estabilidade do diamante. Estes fatos negativos levaram a Rio Tinto a abandonar a área e focar em Juína. Depois disso a área foi pesquisada por várias empresas sem sucessos.

Agora é a vez de Chuck Fipke tentar mais uma volta nesta roda da sorte. Será que Fipke conseguirá encontrar os kimberlitos mineralizados de Paranatinga, que muitos procuraram sem sucesso?

Fonte: www.geologo.com.br

25-26/11/2014

A votação do parecer do Código de Mineração é adiada mais uma vez

Depois de cinco anos de idas e vindas a votação do parecer de Quintão, sobre o novo Código de Mineração, que havia sido marcada e cancelada na semana passada é, mais uma vez, cancelada. Ela não vai mais acontecer amanhã dia 26.

A única diferença é que agora, a comissão especial da Câmara dos Deputados que analisa o MRM, preferiu não marcar uma nova data. Com mais esse atraso os deputados mostram estar totalmente desafinados com a sociedade que os elegeu. Talvez eles pensem que um País, uma sociedade e a sua mineração, todos terrivelmente prejudicados pelo interminável processo, que engessou a mineração e espantou os investidores, podem muito bem aguardar mais alguns meses...

26-26/11/2014

DUSOLO INICIA PRÉ-PRODUÇÃO E CAMPANHA DE SONDAGEM EM BOMFIM

A DuSolo Fertilizers informou na última segunda-feira (24) que iniciou a pré-produção de fertilizante natural de aplicação direta (DANF, na sigla em inglês) no projeto Bomfim, em Tocantins. A companhia também começou a campanha de sondagem de 2 mil metros no projeto, com o objetivo de aumentar os recursos atuais com áreas que possuam recursos com alto teor.

De acordo com comunicado enviado ao mercado, a DuSolo iniciou a primeira fase da pré-produção de DANF em 14 de outubro, por meio da cava a céu aberto no alvo Santiago, que faz parte de Bomfim. A companhia extraiu 10.384 toneladas de fosfato de alto teor, ou seja, com mais de 15% de pentóxido de fósforo (P2O5).

Do total, 3.408 toneladas foram processadas em três produtos com teores diferentes: 1.155 toneladas com 18% de P2O5; 1.453 toneladas com 15% de P2O5; e 800 toneladas com 12% de P2O5.

A DuSolo disse que, em 13 de novembro, interrompeu suas atividades de mineração, como escavação e transporte, devido ao período de chuvas. A companhia canadense disse que o material escavado continuará a passar por beneficiamento e será estocado no depósito do site de Bomfim assim que as condições meteorológicas permitirem.

O preço pelo produto DANF finalizado foi calculado pela DuSolo em uma média de R\$ 255 por tonelada. A empresa disse que pretende vender todo o material escavado restante no fim da temporada de plantio de 2014 e no primeiro trimestre do ano que vem.

A DuSolo disse que recebeu uma demanda crescente por produtos DANF e informou que terá fortes vendas durante as temporadas de plantio no ano que vem, que vão de fevereiro a abril e de agosto a novembro. Com a demanda mais forte, a empresa canadense decidiu implementar melhorias em suas instalações de processamento.

A expectativa da DuSolo é que essas melhorias dupliquem a capacidade de produção de DANF de 80 mil toneladas por ano para 160 mil toneladas na metade do primeiro trimestre de 2015. Para alcançar essa capacidade, a companhia agendou a instalação de três novos moinhos de martelo em conjunto com melhorias na infraestrutura de eletricidade, instalações adicionais de correias transportadoras e um novo depósito para material estocado. O custo estimado pela DuSolo foi de US\$ 1,5 milhão.

“Nós conseguimos executar o ramp up de nossas operações e alcançar as metas de produção, apesar dos desafios da temporada de chuvas. Devido à resposta positiva do

mercado e a previsão de fortes vendas de DANF na temporada de plantio do ano que vem, estamos empenhados em completar as melhorias na planta o mais rápido possível”, disse Eran Friedlander, presidente e CEO da DuSolo.

A Geomina Sondagens, companhia brasileira, foi contratada para realizar a campanha de sondagem de 2 mil metros no projeto Bomfim. Vão ser 900 metros de sondagem de circulação reversa de 1,1 mil metros de sondagem adamantada. A análise das amostras vai ser realizada pela SGS Geosol.

A campanha foi projetada para identificar áreas de alto teor adicionais e para que a equipe técnica da DuSolo possa avaliar melhor o potencial geral do projeto. A empresa tem uma estratégia a longo prazo de implementar o desenvolvimento da segunda fase da produção em Bomfim, que implicará no uso de flotação.

De acordo com dados da Coffey Mining, compilados em janeiro deste ano, o alvo Santiago possui um potencial de exploração adicional de 10 milhões a 20 milhões de toneladas com teor de 5,5% a 10% de P2O5.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

27-26/11/2014

CPRM PROMOVE CURSO SOBRE DEPÓSITOS MINERAIS

Começou mais uma etapa do curso de capacitação promovido pela Diretoria de Geologia e Recursos Minerais (DGM) do Serviço Geológico do Brasil (CPRM). Durante esta semana, profissionais de geologia do CPRM terão aulas sobre processos de formação de depósitos de classe mundial e sua correlação com depósitos similares no Brasil. As aulas estão sendo ministradas pelo geólogo econômico Laurence Robb, professor visitante na Universidade de Oxford. As aulas estão voltadas principalmente para os novos geólogos da CPRM. Alguns dos tópicos introdutórios são: geração de depósitos magmáticos, sedimentares, supérgenos e hidrotermais. Estão participando geólogos de diversas superintendências regionais da CPRM. O curso também está sendo transmitido para todas as unidades da estatal.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

28-26/11/2014

BRAZIL MINERALS PODE SE TORNAR A MAIOR COMPANHIA DE DIAMANTES

A Brazil Minerals está posicionada para se tornar a maior companhia de diamantes da América Latina em receita e lucro, de acordo com relatório do Goldman Small Cap Research publicado na última segunda-feira (24). O documento destaca, entre os pontos principais da empresa, a estratégia de vender diamantes polidos não-certificados para compradores privados no Brasil, medida que criou um novo canal de vendas para a mineradora.

“A margem bruta da Brazil Minerals alcançou 69% no terceiro trimestre de 2014 e as recentes táticas e estratégias garantem ganhos operacionais futuros. De fato, o objetivo inicial da Brazil Minerals é se tornar a maior companhia de diamantes da América Latina em receita e lucro”, disse Rob Goldman, analista responsável pelo relatório do Goldman Small Cap Research sobre a Brazil Minerals.

O documento mencionou que a estratégia da empresa de aumentar a porcentagem de diamantes polidos vendidos em relação aos diamantes brutos tem gerado dividendos maiores para os acionistas da companhia. A Brazil Minerals vende periodicamente diamantes polidos certificados pelo Geomological Institute of America (GIA) para compradores privados nos Estados Unidos e diamantes polidos não-certificados para uma joalheria brasileira que tem 11 lojas e está no mercado desde 1944.

Nas últimas duas semanas, de acordo com o relatório, a Brazil Minerals vendeu diamantes polidos não-certificados para compradores privados conhecidos no Brasil, fator que resultou na criação de um novo canal de vendas para a empresa.

O relatório do Goldman Small Cap Research destacou a estratégia da Brazil Minerals na obtenção da licença ambiental necessária para extrair e comercializar areia da mina de ouro e diamante Duas Barras, em Olhos D'Água (MG), que é operada pela subsidiária Mineração Duas Barras (MDB). Segundo o estudo assinado por Goldman, a mina de Duas Barras possui grande quantidade de areia de alta qualidade, um componente essencial para o cimento utilizado pela indústria de construção.

A Brazil Minerals é a única empresa que se dedica exclusivamente à extração de ouro e diamante no setor de mineração brasileiro e a única companhia de ouro e diamante de capital aberto do Brasil.

Em 12 de setembro, a Brazil Minerals adquiriu 100% de participação na MDB. A mineradora pagou US\$ 200 mil em dinheiro e emitiu cerca de 2,14 milhões de ações para adquirir os 13,2% restantes da companhia. A MDB é o primeiro ativo operacional e gerador de receita que pertence completamente à Brazil Minerals.

Além da mina Duas Barras, que fica a 130 quilômetros de Diamantina (MG), a empresa é proprietária de direitos minerários em Borba, área com potencial de ouro no Amazonas.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

29-26/11/2014

Sistema rodoviário predomina no transporte, mostra mapa do IBGE

Por **Alessandra Saraiva** | Valor

RIO - O transporte de carga e passageiros segue eminentemente rodoviário no país, de acordo com Mapa da Logística dos Transportes no Brasil, divulgado nesta terça-feira pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O trabalho é uma compilação de dados de agências reguladoras, como a Antaq (de transportes aquavirários) e de entidades como a Confederação Nacional dos Transportes (CNT) e o próprio IBGE.

De acordo com o mapa, 61,1% de toda a carga transportada no Brasil usou o sistema modal rodoviário; 21% passaram por ferrovias, 14% pelas hidrovias e terminais portuários fluviais e marítimos e apenas 0,4% por via aérea, informou o instituto. Os dados usados pelo IBGE são de 2009 e fornecidos pela CNT. Mas desde então esses percentuais continuaram basicamente os mesmos, de acordo com o mais recente boletim estatístico da confederação, de agosto deste ano.

Em seu mapa, o IBGE informa que apenas nas dimensões continentais do país, além da limitação do alcance dos outros modais, o integração entre eles só ocorre em um estado. São Paulo é o único com infraestrutura de transportes na qual as cidades do interior estão conectadas à capital por vasta rede, incluindo rodovias duplicadas, ferrovias e a hidrovia Tietê-Paraná. Além disso, o Estado ainda comporta o maior aeroporto (Guarulhos) e o porto com maior movimentação de carga (Santos) do país.

São Paulo também concentra o transporte de passageiros por via aérea, 26,9 milhões em rotas domésticas e 10,4 milhões em rotas internacionais em 2010, bem acima do segundo colocado, o Rio de Janeiro, 14,5 milhões e 3,1 milhões, respectivamente.

Ferrovias

Quanto ao eixo ferroviário, os principais eixos são usados para o transporte de commodities, principalmente minério de ferro e grãos provenientes da agroindústria. Algumas das ferrovias mais importantes são: a Ferrovia Norte-Sul, que liga a região de Anápolis (GO) ao Porto de Itaquí, em São Luís (MA), transportando predominantemente soja e farelo de soja; a Estrada de Ferro Carajás, que liga a Serra dos Carajás ao Terminal Ponta da Madeira, em São Luís (MA), levando principalmente minério de ferro e manganês e a Estrada de Ferro Vitória-Minas, que carrega predominantemente minério de ferro para o Porto de Tubarão.

Portos

No caso dos portos, também servem primariamente como vias de saída de commodities, principalmente de soja, minério de ferro, petróleo e seus derivados, que estão entre os principais produtos da exportação brasileira.

Em relação à soja, os principais portos são os de Itacoatiara (AM), Paranaguá (PR), Rio Grande (RS), Salvador (BA), Santarém (PA), São Francisco do Sul (SC) e o Porto de Itaquí (MA). No caso de combustíveis e derivados de petróleo, se destacam os portos de Aratu (Candeias - BA), Itaquí (MA), Fortaleza (CE), Suape (Ipojuca - PE), Maceió (AL) e São Gonçalo do Amarante (Pecém - CE).

Já no transporte de minério de ferro, os que mais movimentam o item são os terminais privados de Ponta da Madeira, da Vale S.A., em São Luís (MA) e de Tubarão, em Vitória (ES). A maior quantidade de carga movimentada nos portos organizados do país está localizada no Porto de Santos (SP), devido à sua posição estratégica.

A pesquisa trabalha com dados do Banco de Informações e Mapas de Transportes do Plano Nacional de Logística dos Transportes (BIT-PNLT) – Ministério dos Transportes; da Agência Nacional de Transportes Aquaviários (Antaq); da Agência Nacional de Aviação Civil (Anac); do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit), da Infraero; e da Receita Federal do Brasil. Foram utilizadas bases cartográficas do IBGE e do BIT-PNLT.

O mapa mostra as principais estruturas de transporte do país, como rodovias; ferrovias; e hidrovias, bem como outros associados à logística do transporte de cargas e pessoas no país, pontos de fronteira, aeródromos públicos e terminais hidroviários.

30-26/11/2014

Mercado vê chance para Vale cindir metal básico

Por **Francisco Góes | Do Rio**

Siani, diretor da Vale: "Temos a posição mais competitiva do mundo em níquel, em termos de qualidade e reservas, e os ativos de cobre são excelentes"

A queda nos preços do minério de ferro a um dos menores patamares dos últimos anos está levando o mercado a discutir a possibilidade de a Vale vir a reunir os ativos de metais básicos (cobre, níquel e ouro) em uma nova empresa, que poderia fazer uma oferta inicial de ações na bolsa (IPO, na sigla em inglês). A avaliação de analistas é que uma possível cisão do segmento de metais básicos da Vale ajudaria a melhorar o preço dos ativos e também permitiria à mineradora levantar caixa para fazer frente ao seu programa de investimentos.

A visão do mercado e da própria Vale é que o negócio de metais básicos tem condições de gerar lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês) de US\$ 4 bilhões a US\$ 5 bilhões por ano. No terceiro trimestre deste ano, a Vale apresentou um Ebitda ajustado de US\$ 3 bilhões dos quais US\$ 781 milhões, ou 26% do total, corresponderam ao segmento de metais básicos. Companhias do setor de metais básicos costumam ter valor de empresa ("enterprise value") equivalente a sete vezes o Ebitda anual.

Considerando essa realidade e a previsão de um Ebitda entre US\$ 4 bilhões e US\$ 5 bilhões por ano para os metais básicos da Vale, significa que esse negócio poderia valer, separadamente, algo entre US\$ 28 bilhões e US\$ 35 bilhões, nas contas do mercado. Esse é um número aproximado que não considera o crescimento da dívida da companhia. Outra grande mineradora mundial, a australiana BHP Billiton, anunciou este ano a decisão de separar ativos. A BHP manterá quatro pilares, minério de ferro, carvão, petróleo e cobre, com potássio como o quinto elemento, como noticiou o **Valor**. Outras commodities, incluindo alumínio, manganês, prata e níquel, deverão integrar uma nova companhia que analistas financeiros estimam poder valer US\$ 16 bilhões. A nova empresa da BHP será o maior produtor mundial de manganês.

O diretor-financeiro da Vale, Luciano Siani, disse que há uma diferença importante entre a Vale e o que foi feito no exterior, pela BHP. Disse que os ativos que a BHP deve separar estiveram no mercado para venda por longo tempo. "Nossa situação é diferente. Temos a posição mais competitiva do mundo em níquel, em termos de qualidade e reservas, e os ativos de cobre são excelentes. E esses ativos são parte de nosso 'core business' [negócio principal]. Então uma separação de ativos, exatamente como foi feita [pela BHP], não vai acontecer. Esses ativos são parte integrante do negócio da Vale", disse Siani.

Ele reconheceu, no entanto, que a empresa tem sempre o dever de avaliar as melhores alternativas para captura e realização de valor de qualquer ativo na companhia. Questionado sobre o argumento de analistas, de que uma eventual cisão dos ativos de metais básicos, poderia gerar mais caixa para a empresa, Siani afirmou: "Vamos começar [a avaliar] todas as alternativas estratégicas no Vale Day." O Vale Day, dia de encontro da mineradora com investidores em Nova York, será em 2 de dezembro.

"A decisão da Vale sobre a gestão de ativos vai depender de quão conservador for o cenário para o minério de ferro", disse Marcelo Aguiar, vice-presidente da área de análise de ações para recursos naturais na América Latina do Goldman Sachs. Antes de tomar uma decisão sobre os metais básicos, a empresa tem a possibilidade de vender ativos, caso das participações societárias no negócio de carvão, em Moçambique, de navios mineraleiros e de uma fatia na MRN (bauxita), disse Aguiar.

"Uma eventual separação dos ativos de metais básicos pode vir a acontecer se o cenário de minério de ferro se tornar ainda mais conservador", disse Aguiar. Ele avaliou que, para os investidores, os ativos de níquel e cobre são mais atrativos. O Goldman Sachs trabalha com a perspectiva de que o preço do níquel atinja US\$ 20 mil por tonelada em 2016. Hoje o preço está na casa dos US\$ 16,5 mil por tonelada. Já no cobre, o Goldman Sachs prevê que a cotação bata em US\$ 7,5 mil por tonelada em 2017 ante os atuais US\$ 6,8 mil na Bolsa de Metais de Londres (LME).

Siani disse ainda que a alta dos preços dos metais, em especial do níquel, pode ajudar a compensar, em parte, a redução nos preços do minério de ferro. "Temos aumento de volume de produção e a expectativa de nos tornarmos ainda este ano o maior produtor

de níquel do mundo. E temos a produção de cobre e ouro crescendo de forma acelerada." Segundo ele, o mercado tem dado sinais de que haverá um déficit no mercado de níquel, o que elevará ainda mais os preços.

A dúvida que fica, segundo ele, é quando essa alta nos preços vai ocorrer. "Achava-se que seria no primeiro semestre de 2015 e agora já se fala no segundo semestre do ano que vem, mas depende do sucesso que os chineses vão ter em misturar o minério das Filipinas com o minério da Indonésia. Os estoques deles [da China] estão acabando. Então a expectativa é grande. Com a recuperação dos preços do níquel e aumento de volume [de produção], vamos ter em 2015 os metais básicos representando parcela expressiva do resultado da companhia", previu Siani.

31-26/11/2014

MINÉRIO DE FERRO

Exportações atingem 28,3 milhões t em outubro

Segundo dados do Sindicato Nacional da Indústria da Extração do Ferro e Metais Básicos (Sinferbase), as exportações de minério de ferro em outubro de 2014 somaram 28,343 milhões t, um aumento sobre os 25,668 milhões t do mesmo mês de 2013. No acumulado até outubro, as vendas externas foram de 248,800 milhões t, contra 232 milhões t registradas no mesmo período de 2013. Como sempre, as maiores vendas externas em outubro foram feitas pela Vale e empresas coligadas – 25,637 milhões t; seguida pela Samarco – 2,626 milhões t. As exportações de pelotas totalizaram 4,828 milhões t – volume maior que as 3,986 milhões t registradas em outubro de 2013. No acumulado até outubro, foram vendidas 21,115 milhões t, contra 21,643 milhões t sobre o mesmo período de 2013. Apenas em outubro de 2014, as vendas nacionais de minério de ferro + pelotas atingiram 2,264 milhões t (contra 2,188 milhões t em outubro de 2013).

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 680

32-27/11/2014

Seminário discute gestão da segurança de barragens de mineração

O Instituto Brasileiro de Mineração – IBRAM (www.ibram.org.br) em parceria com o Sindicato da Indústria Mineral do Estado de Minas Gerais (Sindiextra) e o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), realizou nos dias 24 e 25 de novembro, o Seminário “Gestão da Segurança de Barragens de Mineração”. O evento, que contou com o apoio da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (FIEMG) e da Fundação Estadual do Meio Ambiente de Minas Gerais (Feam), ocorreu no auditório da FIEMG, em Belo Horizonte (MG).

O encontro teve o objetivo de reforçar a divulgação da legislação de segurança de barragens e das normativas e orientações técnicas mais recentes que foram criadas pelo Conselho Nacional de Recursos Hídricos (CNRH) e pelo Departamento Nacional de

Produção Mineral (DNPM), que regulamentam as ações de gestão das empresas para a segurança das barragens de mineração nos empreendimentos mineiros. A lei nº 12.334, a Política Nacional de Segurança de Barragens, de 10 de setembro de 2010, trouxe para o empreendedor a responsabilidade legal pela segurança de suas barragens, cabendo a ele o desenvolvimento de ações para sua garantia. Já o DNPM tem a responsabilidade da fiscalização dessas ações, visando assegurar a observância dos padrões de segurança dessas barragens de maneira a reduzir a possibilidade de acidente e suas consequências. Os órgãos estaduais de meio ambiente como a Fundação Estadual do Meio Ambiente (FEAM) atuam de forma complementar, na supervisão dos aspectos ambientais associados às barragens.

Segundo o Diretor-Presidente do IBRAM, José Fernando Coura, este tipo de discussão é fundamental para evolução da mineração brasileira. “Temos que ter consciência da responsabilidade da indústria da mineração quanto à redução dos riscos socioambientais e econômicos decorrentes de acidentes nas barragens de rejeitos. Este é um evento que mostra como a mineração nacional busca avançar, de forma segura e preocupada, na diminuição da ocorrência de acidentes e incidentes”. Para Coura, a consciência de que uma boa gestão de barragens é importante também para a competitividade dos negócios e para a imagem do setor mineral.

Para Rinaldo Mancin, Diretor de Assuntos Ambientais do IBRAM, que esteve à frente da Coordenação Técnica do Seminário, o ponto chave para o sucesso de uma estratégia de gestão da segurança de barragens em uma empresa passa necessariamente pela compreensão, pela alta administração da empresa, da importância da gestão eficiente de suas barragens e da consequente alocação de recursos financeiros e equipes técnicas qualificadas para a tarefa. “A aplicação efetiva de boas práticas somente é conseguida se compartilhada e incentivada pelo topo. Há que se ter sempre uma visão de longo prazo quando o tema é barragens de rejeitos”.

Além das apresentações das legislações realizadas pelos dirigentes e técnicos do DNPM, Agência Nacional de Águas (ANA) e FEAM, foram apresentadas palestras sobre boas práticas realizadas por várias empresas na gestão para a segurança de suas barragens e avaliação de riscos em barragens de mineração. O setor elétrico, representado pela Companhia Energética de Minas Gerais (CEMIG), também trouxe para a discussão boas práticas utilizadas na gestão de barragens de acumulação de água para a geração de energia elétrica. O Seminário foi direcionado a responsáveis técnicos das barragens de mineração e representantes legais das empresas e teve caráter nacional, com a participação de técnicos de vários estados.

Ao final do evento, os participantes concluíram que é essencial a busca pelo aperfeiçoamento das regras e procedimentos para a gestão da segurança de barragens e pela maior articulação entre os entes do Poder Público naquilo que se refere aos procedimentos compreendidos no Plano de Ação de Emergência para Barragens de Rejeito-PAEBM.

“Com isso, o IBRAM e o Sindiextra, a pedido do DNPM, se comprometeram a enviar correspondência aos dirigentes das empresas associadas no sentido de alertar para a necessidade do cumprimento efetivo da legislação de segurança de barragens, especialmente quanto à entrega das declarações de estabilidade de barragens e para as inspeções periódicas de segurança. Além disso, o IBRAM vai buscar articular com o setor mineral em relação ao aperfeiçoamento das normas técnicas da ABNT para pilhas de estéreis e para barragens de rejeitos”, finaliza Mancin.

Estiveram presentes no evento o Diretor de Assuntos Ambientais do IBRAM, Rinaldo Mancin, o Diretor-Geral do DNPM, Sérgio Augusto Dâmaso de Souza, o Coordenador do Departamento de Geologia e Produção Mineral do MME, José Luiz Ubaldino de Lima, a Presidente da Fundação Estadual do Meio Ambiente, Zuleika Stela Chiacchio Torquetti, e o Diretor de Fiscalização do DNPM, Walter Lins Arcoverde. O Seminário contou com 230 participantes.

Fonte: IBRAM

33-27/11/2014

Preço do minério de ferro cai abaixo de US\$70/t e estoques nos portos chineses continuam crescendo

Os preços do minério de ferro continuam caindo e, mesmo assim, os estoques nos 33 principais portos da China continuam subindo demonstrando uma desaceleração nas compras. Esta é uma tendência que pode continuar. Com preços chegando aos US\$68/t um grande número de empresas, em todo o mundo, já lavra o minério de ferro no vermelho.

A estatística sobre o número de minas que já fecharam ainda não é clara. Neste quesito os chineses estão em primeiro lugar. Eles não conseguiram otimizar e reduzir os seus custos que giram em torno de US\$100/t e, em consequência estão fechando e falindo em uma onda que ameaça o mundo mineral como um todo.

Até uma gigante, como a Fortescue, a quarta maior produtora de minério de ferro do mundo, começa a entrar no vermelho: seu all-in sustaining cost é de US\$72/t... Esta onda já atingiu as praias brasileiras. Grandes empresas como a Usiminas, CSN, Gerdau e até a Vale já estão revendo seus investimentos, cortando Capex e fechando unidades de alto custo. É a crise que, mesmo negada pelo CEO da Vale, bate as nossas portas.

Fonte: www.geogólo.com.br

34-27/11/2014

De mal a pior: número de fusões e aquisições na mineração brasileira cai 66%

Um estudo publicado pela Ernst & Young confirma o que todos do setor já haviam intuído: a mineração brasileira está indo de mal a pior. Segundo a Ernst & Young as fusões e aquisições na mineração brasileira caíram 66% no primeiro semestre de 2014.

O desempenho fraco se deve, obviamente, a crise no setor, mas também ao efeito Brasil. Os investidores da mineração e da pesquisa mineral perderam a confiança no país desde que o Ministério de Minas e Energia congelou a emissão de concessões e alvarás de pesquisa o que paralisou projetos, minas e demais investimentos. Reverter essa situação

não será fácil e provavelmente, o Brasil ficará, por muito tempo, no topo da lista dos países menos atrativos da América Latina quando o assunto for mineração.

Fonte: www.geólogo.com.br

35-27/11/2014

Com 2014 difícil, Vale prevê minério a preços mais altos

Por Mônica Ciarelli e Mariana Durão | Estadão Conteúdo –

À frente da Vale desde 2011, Murilo Ferreira admite viver o momento mais difícil de sua gestão. Desde que assumiu a maior mineradora global, o executivo já enfrentou disputas tributárias e problemas em megaprojetos internacionais como Rio Colorado, na Argentina, e Simandou, na Guiné, em que a Vale teve que realizar baixas contábeis. Ainda assim, considera 2014 um ano crítico.

A avaliação é motivada pelo cenário econômico e pelos preços do minério de ferro rompendo a barreira dos US\$ 70 por tonelada, o mais baixo patamar dos últimos cinco anos. O executivo trabalha com preços na faixa de US\$ 83 a US\$ 85 a tonelada em 2015, que considera o ponto de equilíbrio do mercado.

Em entrevista exclusiva ao Broadcast, serviço de notícias em tempo real da Agência Estado, Ferreira afirma que seguir o mantra da disciplina de capital é mais importante do que nunca. "Nós temos de ser absolutamente obstinados em fazer mais por menos", diz. A Vale anunciará um orçamento inferior aos US\$ 12,5 bilhões inicialmente previstos para 2015 em uma reunião com acionistas em Nova York no próximo dia 2.

No encontro, Ferreira promete detalhar qual será a equação da Vale para manter uma política de dividendos atraente diante da derrocada da cotação do minério de ferro, seu principal produto, e um cardápio de desinvestimentos mais enxuto. Os dividendos pagos pela Vale vêm recuando sistematicamente: US\$ 9 bilhões em 2011, US\$ 6 bilhões em 2012, US\$ 4,5 bilhões em 2013 e US\$ 4,2 bilhões em 2014. Analistas temem que em 2015 a Vale não tenha uma geração de caixa livre capaz de remunerar os acionistas de forma satisfatória.

Segundo ele, a Vale paga a maior remuneração da indústria de mineração. "Realmente 2015 e 2016 serão anos atípicos por conta do volume que teremos que investir, mas você pode ter certeza que nós privilegiaremos uma prudência no endividamento da empresa acompanhada de um pagamento de dividendos saudável", diz.

Os investimentos a que se refere são na maior parte relativos à conclusão do projeto Serra Sul, no Pará, que tem início de operação previsto para 2016. Com produção estimada em 90 milhões de toneladas anuais de minério de ferro, ele é o maior investimento da história da Vale (US\$ 19,5 bilhões).

O presidente da Vale antecipa que anunciará aos investidores em Nova York um custo de produção inferior aos US\$ 15 por tonelada divulgados para Serra Sul. O custo operacional médio do minério da Vale é hoje de US\$ 23 por tonelada colocada no navio, com expectativa de redução a US\$ 20 nos próximos três anos, conforme apresentação feita por executivos em uma conferência do Goldman Sachs, na semana passada.

Minério subavaliado

Ferreira é taxativo em dizer que as minas da Vale - à exceção de uma unidade em Corumbá - são competitivas mesmo com preços a US\$ 65 por tonelada em 2015, cenário que chegou a ser traçado por analistas do Citibank. Para o executivo, o minério de ferro está longe do preço de equilíbrio. Ferreira trabalha com a cotação de US\$ 83 a US\$ 85 por tonelada para próximo ano. "Pelos modelos de oferta e demanda, o preço atual está fora do ponto. Está excessivamente desvalorizado", decreta.

A convicção do comandante da Vale é de que, caso a cotação da commodity chegue a esses US\$ 65 a tonelada, haverá um ajuste violento, com redução substancial da oferta. A saída de produtores de alto custo e baixa qualidade do mercado é dada como certa por Ferreira, mas ele discorda que a resistência de produtores chineses menos competitivos esteja surpreendendo. "Os preços estão abaixo de US\$ 90 por tonelada há dois, três meses. Ninguém toma a decisão de fechar uma mina, que envolve custos da noite para o dia."

Ferreira rechaça também a afirmativa de que a Vale, a exemplo de outras gigantes como BHP e Rio Tinto, seja agressiva na expansão da apesar do ciclo de baixa de preços. Só Serra Sul jogará mais 90 milhões de toneladas de minério no mercado a partir de 2016. A estimativa é que a produção de minério da Vale saia de 321 milhões de toneladas em 2014 para 453 milhões em 2018. "Não temos tido política agressiva de colocação no mercado. Temos praticamente a mesma produção desde 2006", ponderou.

Desinvestimentos

A Vale anunciará ainda este ano a venda de parte de sua operação de carvão em Moçambique. O modelo seguirá o que vem sendo anunciado: metade da fatia da Vale

(de 70%) no corredor logístico Nacala e de 15% a 25% da mina de Moatize irão para um novo investidor. Na divulgação de resultados do terceiro trimestre, Ferreira disse que o valor do negócio surpreenderá.

Após o anúncio, as opções de desinvestimento da Vale ficam mais limitadas. Em 2013, a companhia arrecadou US\$ 6 bilhões com a venda de ativos como fatias na VLI e na empresa de alumínio Norsk Hydro. A mineradora ainda pode negociar sua participação na fabricante de bauxita MRN e navios Valemax.

Há ainda a perspectiva de encontrar sócios para a área de fertilizantes, onde a companhia sofreu um revés ao abandonar em 2013 o megaprojeto Rio Colorado, na Argentina, após desentendimentos com o governo local. A empresa está desenhando uma nova estratégia com players globais. A avaliação é que o Brasil não tem reservas expressivas de potássio e fosfato, por isso, a empresa terá que desenvolver ativos no exterior.

"Temos convicção de que o Brasil será o número um em alimentos do mundo e queremos ser o grande fornecedor de fosfato e potássio no mercado nacional", diz Ferreira.

A Vale poderá fazer associações em nível de holding ou de projetos. Em sua carteira de fertilizantes a empresa tem projetos específicos como Carnalita, em Sergipe, e Kronau, no Canadá. As informações são do jornal **O Estado de S. Paulo**.

36-27/11/2014

PRODUÇÃO BRASILEIRA DE MINÉRIO DE FERRO DEVE CHEGAR A 656 MT EM 2020

A produção de minério de ferro deve crescer para 656,1 milhões de toneladas, no período entre 2014 e 2020. O número, obtido com base na expansão das minas e projetos greenfield até 2016 faz parte do relatório 'Iron Ore Mining in Brazil to 2020' da empresa britânica de pesquisas Timetric, divulgado no início de novembro.

Segundo o relatório, o Brasil tem volume significativa de reservas de minério de ferro bruto, 31 bilhões de toneladas, segundo dados de fevereiro deste ano. As principais reservas de alto teor estão nos Estados do Pará e de Minas Gerais, com a maior parte das minas em operação no país localizadas em Minas.

De acordo com o documento, o consumo nacional do minério de ferro foi de 65,2 Mt, em 2013, e as exportações foram de 329,6 Mt. Logo, segundo o estudo, em sete anos a produção pode ter um aumento de 66%.

O minério de ferro extraído no Brasil é principalmente exportado para países como a China, Japão, Holanda, Coreia do Sul, Alemanha, França e Omã.

A indústria de mineração brasileira tem desempenhado um papel de destaque no desenvolvimento econômico do país por meio da geração de emprego e atraindo investimento direto estrangeiro (IDE), com a indústria respondendo por 4% do PIB e empregando 160 mil trabalhadores diretamente.

Os projetos Minas-Rio e Carajás Serra Sul, localizados nos estados de Minas Gerais e Pará, respectivamente, devem iniciar a operação até o final de 2014 e no segundo semestre de 2016, com capacidade de produção de minério de ferro de 26,5 Mtpa e 90 Mtpa, respectivamente.

Em 2013, o Brasil exportou 170,1 Mt de minério de ferro para a China, um aumento de 4% em relação ao ano anterior. Importações chinesas de minério de ferro do Brasil aumentaram substancialmente ao longo da década, desde os 38 Mt em 2003 até os 170 Mt no ano passado, atingindo um crescimento anual de 14,6%

O relatório abrange dados históricos e a previsão para a produção de minério de ferro, reservas, consumo e vendas até 2020. A seção de vendas fornece informações sobre volumes de exportação.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

37-27/11/2014

TECNOLOGIA 3D REDUZ RISCO E TEMPO GASTO COM PROSPECÇÃO MINERAL

Um projeto em fase final de implantação desenvolvido pela empresa de engenharia consultiva Geoprime pode reduzir em mais de 50% o tempo gasto pelas mineradoras com a prospecção de áreas para exploração mineral. A iniciativa envolve o uso de tecnologia 3D e visa a redução dos riscos, por meio de uma análise precisa que usa maior volume de dados.

A plataforma utilizada pela Geoprime, chamada ArcGIS, é distribuída no Brasil pela Imagem, empresa que integra o Sistema de Informação Geográfica (GIS, na sigla em inglês para Geographic Information Systems). A tecnologia visa aprimorar os processos de pesquisa e consultoria de mineração, utilizando imagens em duas e três dimensões das áreas de prospecção, além de análises profundas dos dados referentes à qualidade e ao ciclo de vida das minas.

De acordo com o gerente de Recursos Naturais da Imagem, Alessandro Diniz, uma combinação da ArcGIS Desktop com a Extensão 3D Analyst, permite que a Geoprime execute processos espaciais com maior precisão, pois as tecnologias trabalham com escalas de detalhe, além de modelagens em 3D dos ativos. Com isso, poderá ser

avaliado, por exemplo, como ficará a frente de lavra, antes, durante e depois das operações de mineração.

“A informação geográfica utiliza recursos para criar uma abstração do mundo real no ambiente computacional, permitindo que as informações levantadas sejam consultadas e analisadas tanto pelo trabalhador na mina quanto pelo tomador de decisões”, afirmou Diniz.

Segundo ele, é importante para a mineradora saber em qual relevo está o projeto e calcular o volume necessário de terra que deverá ser deslocado e a quantidade de minério presente naquele volume. “O ArcGis combina todos esses recursos para que possam ser aplicados pelo setor de mineração”, disse o gerente da Imagem.

De acordo com o engenheiro de minas Ildeli Santos, responsável pelo projeto da Geoprime, o fluxo de trabalho em projetos de sondagem envolve cinco etapas, sendo a primeira a elaboração de ambiente 3D composto de ortofoto (superfície natural do terreno), furos de sondagem e limite do processo minerário.

Em seguida, há uma compilação dos dados de profundidade em que a sondagem encontrou o topo do maciço rochoso, bem como suas coordenadas UTM, que considera o sistema de mapa bidimensional usado na localização de terrenos. Após, essa compilação, ocorre a representação em subsuperfície do contato entre a rocha granítica e o material saibroso a ser retirado.

Segundo Santos, as duas últimas etapas são o cálculo do volume de material a ser decapado e do volume do material rochoso, com a posterior utilização desses dados para elaborar cálculos de gastos com remoção de terra e lavra da rocha granítica.

“Estes dados servem de subsídio para a equipe de engenharia em projeções econômicas, considerando gastos operacionais e dimensionamento de maquinário a ser utilizado”, afirmou o engenheiro da Geoprime.

Um dos módulos do projeto, o ArcGIS Online, ainda está em fase de implantação e deve ser concluído até o final de janeiro de 2015. Segundo Santos, a ferramenta é um benefício que todo cliente recebe como manutenção da plataforma, criando uma conta organizacional da empresa para armazenar dados espaciais e utilizá-los em aplicações mobile e desktop, que fazem interações diretas com o ArcGIS Online.

“Quanto maior o volume de dados que você tem, menor é o risco do projeto, pois com um número maior de informações o trabalho é desenvolvido com mais rapidez e precisão, evitando surpresas desagradáveis no meio do caminho. Essa é a principal vantagem do uso dessa tecnologia na prospecção de áreas, pois a previsibilidade financeira é muito maior, ou seja, você consegue dimensionar o aporte que deverá ser investido e analisar se será possível e vantajoso para empresa arcar com esses custos”, afirmou Silva.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

38-27/11/2014

Executivos do setor mineral veem como positiva nova equipe econômica

Por **Olivia Alonso e Ivo Ribeiro | Valor**

SÃO PAULO - A escolha da equipe econômica do próximo governo de Dilma Rousseff, com Joaquim Levy e Nelson Barbosa, foi avaliada como positiva por executivos do setor mineral, embora eles afirmem que o crescimento da área depende também do cenário de mercado global. Luiz Eulálio Terra, diretor da Pedreira Embu, afirmou, nesta quinta-feira, durante o Fórum Brasil Mineral, em São Paulo, que "sem dúvidas, a indicação da equipe econômica pode mudar para melhor o cenário para 2015 para o setor mineral".

Na avaliação do executivo da Embu, que atua fortemente no setor de agregados minerais para construção, não somente o ramo de agregados, mas toda a indústria mineral voltada à construção pode ser beneficiada. Para ele, a atividade de construção vem enfrentando uma fase pior no país por causa de falta de confiança. "Isso mudando, com equipe com diretrizes mais ortodoxas, [o setor] pode ser melhorado", afirmou, acrescentando que o país tem condições de investimento para o crescimento na área.

Um pouco menos otimista, Paulo Libânio, diretor da empresa australiana Ausenco, que atua em engenharia e tecnologia mineral, afirmou que a indicação da nova equipe é "bem-vinda, mas não é o suficiente" para uma melhora do setor. Na visão dele, além da questão da confiança, o faturamento do setor não depende apenas de um posicionamento interno, ainda que ele avalie que uma clareza maior em relação ao direcionamento econômico favorece o setor. "Quanto menos desinformação e quanto menos dúvidas, melhor para o setor", disse. Como exemplo, citou a demora com o código da mineração no país.

"Acho que é positivo, mas ainda insuficiente", reforçou, sobre a nova equipe. "Na base da receita, estaremos muito dependendo do mercado, crescimento chinês, entrada de alguns e saída de outras empresas do mercado", disse.

39-27/11/2014

Vale vai manter forte trabalho em redução de custos, diz diretor

SÃO PAULO - Diante de um cenário desafiador no setor de minério de ferro, com o preço da commodity em baixo patamar, a Vale afirma que vai manter um forte trabalho em redução de custos. Márcio Godoy, diretor de exploração, afirmou, nesta quinta-feira, que a companhia enxerga o futuro com "entusiasmo" e que a companhia tem competitividade diante de seus principais competidores, que são as grandes empresas australianas.

"Não vemos um cenário nas nossas projeções em que não seremos competitivos", afirmou o executivo durante evento do setor mineral promovido pela revista Brasil

Mineral, em São Paulo. “Tomamos ações que ainda estão em andamento, trabalhamos forte na redução de custos”, acrescentou. Segundo ele, fazem parte dos trabalhos o investimento em novas técnicas e o terminal na Malásia para abrir a possibilidade de comercialização no sudeste da Ásia.

Questionado sobre qual seria o nível de preço do minério que inviabilizaria a produção, ele afirmou que “sempre vai ter um nível de preço da commodity que vai obrigar ações mais drásticas para todas as empresas” e acrescentou que a Vale, com os maiores navios graneleiros do mundo, consegue manter suas competitividade na Ásia.

Ele lembrou que a companhia vai acrescentar 90 milhões de toneladas à sua produção e disse que tem uma meta de algo em torno de 340 milhões anuais no ano. “Vamos aumentar massa produzida mantendo custos competitivos”, afirmou. Ele disse ainda que a companhia acompanha com atenção o ritmo de demanda de aço na China e mudanças de políticas internas no país asiático.

“O que a gente vê, ainda, no mercado, é que a demanda por minério de ferro vai estar crescente. Talvez não num ritmo como o atual”, afirmou. Godoy comentou também que o aumento da oferta em minas de vários portes faz preço cair do minério cair. Ele afirmou também que, juntamente com demais diretores e o presidente da empresa, Murilo Ferreira, a equipe da companhia está alinhada e disciplinada “para extrair bens com alta produtividade”.

“Temos disciplina grande, buscando destinar recursos em projetos mais promissores. Temos minas de classe mundial”, afirmou, acrescentando que há, na companhia, uma oportunidade grande para que a área de exploração da empresa apoie também outras áreas, como cobre e níquel e outros minerais, para identificar recursos em áreas próximas das minas atuais. O objetivo é alavancar o teor e a produtividade das operações.

Fonte: Valor

Brasil Mineral, que debateu perspectivas para o setor de mineração, em São Paulo.

40-28/11/2014

Nova equipe agrada indústria mineral

Por **Olivia Alonso e Ivo Ribeiro | De São Paulo**

A escolha da equipe econômica do próximo governo de Dilma Rousseff, com Joaquim Levy e Nelson Barbosa, foi avaliada como positiva por executivos do setor mineral, embora eles afirmem que o crescimento da área depende também do cenário de mercado global. Luiz Eulálio Terra, diretor da Pedreira Embu, afirmou ontem durante evento do setor que, "sem dúvidas, a indicação da equipe econômica pode mudar para melhor o cenário para 2015 para o setor mineral".

Na avaliação do executivo da Embu, que atua fortemente no setor de agregados minerais para construção, não somente o ramo de agregados, mas toda a indústria mineral voltada à construção pode ser beneficiada. Na avaliação dele, a atividade de construção vem enfrentando uma fase pior no país por causa de falta de confiança. "Isso mudando, com equipe com diretrizes mais ortodoxas, [o setor] pode ser melhorado", afirmou, acrescentando que o país tem condições de investimento para o crescimento na área.

Um pouco menos otimista, Paulo Libânio, diretor da empresa australiana Ausenco, que atua em engenharia e tecnologia mineral, afirmou que a indicação da nova equipe é "bem-vinda, mas não é o suficiente" para uma melhora do setor. Na visão dele, além da questão da confiança e do aumento do faturamento do setor não depende apenas de um posicionamento interno, ainda que ele avalie que uma clareza maior em relação ao direcionamento econômico favorece o setor. "Quanto menos desinformação e quanto menos dúvidas, melhor para o setor", disse. Como exemplo, citou a demora com o código da mineração no país.

"Acho que é positivo, mas ainda insuficiente", reforçou, sobre a nova equipe. "Na base da receita, estaremos muito dependentes do mercado, crescimento chinês, da entrada e saída de outras empresas do mercado", disse.

Os dois executivos participaram do Fórum Brasil Mineral, da revista Brasil Mineral, que debateu perspectivas para o setor de mineração, em São Paulo.

41-28/11/2014

Fortescue Metals corta investimentos no ano fiscal de 2015 pela metade

Por **Renato Rostás** | Valor

SÃO PAULO - A Fortescue Metals Group decidiu cortar pela metade seus investimentos para o atual ano fiscal, que vai terminar em junho de 2015. A quarta maior produtora de minério de ferro do mundo pretende alocar US\$ 650 milhões em gastos de capital no exercício, contra expectativa anterior de US\$ 1,3 bilhão.

Segundo comunicado enviado nesta sexta-feira ao mercado, a mineradora australiana vai reduzir sua atividade de exploração da commodity e adiar projetos que estavam na fila para receber recursos. Além disso, a eficiência na montagem de alguns empreendimentos, como uma expansão em Port Hedland, também deve contribuir com menos gastos.

“No atual cenário, é prudente adiar o investimento adicional que vá aumentar a oferta [do minério de ferro] no mercado”, comentou no comunicado o presidente da companhia, Nev Power. “Vamos maximizar a produção de nossas minas mais rentáveis e com melhor infraestrutura.”

A decisão serve para a Fortescue Metals se proteger da forte desvalorização pela qual passa o insumo. Desde o começo do ano até ontem, o preço do minério já caiu quase 50%, para US\$ 68,49 a tonelada. A tendência negativa é fruto de novos projetos que elevam a oferta global, em meio a uma perda de ritmo na demanda.

A mineradora australiana, contudo, disse que mantém suas perspectivas de produção para o ano fiscal de 2015. A meta é produzir de 155 milhões de toneladas a 160 milhões de toneladas da commodity. “Assim que as condições melhorarem, o que adiamos pode ser reiniciado com impacto mínimo nos investimentos”, afirmou Power.

Na quinta-feira, a anglo-australiana Rio Tinto, que é a segunda maior produtora de minério de ferro do mundo depois da brasileira Vale, também anunciou que espera investimentos menores. Para o ano de 2014, a projeção é de queda em 34% perante 2013, para US\$ 8,5 bilhões.

42-28/11/2014

Fraca base de comparação e expansão extrativa beneficiaram indústria Por Alessandra Saraiva, Camilla Veras Mota e Elisa Soares | Valor

RIO - *(Atualizada às 12h08)* Após quatro quedas consecutivas, o Produto Interno Bruto (PIB) da indústria teve crescimento de 1,7% no terceiro trimestre deste ano, na comparação com o segundo, feito o ajuste sazonal, segundo dados divulgados nesta sexta-feira pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A média das estimativas apuradas pelo Valor Data para o setor apontava para aumento de 0,8% do PIB industrial no período.

Foi o melhor resultado para esta comparação desde o crescimento de 2,2% do segundo trimestre do ano passado. No PIB, a indústria engloba, além do setor manufatureiro e extrativo, a construção civil e a produção e distribuição de energia e gás.

Segundo a gerente de Contas Nacionais do Instituto, Rebeca Palis, o PIB do setor foi favorecido no período por uma base de comparação baixa. No segundo trimestre, a atividade industrial caiu por causa, entre outros fatores, do menor número de dias úteis devido à Copa do Mundo.

Ao mesmo tempo, Rebeca considerou que, no terceiro trimestre, houve excelente performance da indústria extrativa mineral, tanto para minério de ferro quanto para óleo e gás. Nessa base de comparação, a indústria da transformação e de construção civil também subiram, ambas após quatro trimestres de queda.

A indústria de transformação subiu 0,7%, maior crescimento desde os 3% do segundo trimestre de 2013, enquanto a construção subiu 1,3%, melhor resultado desde os 2,5% do segundo trimestre de 2013, sempre na comparação com o trimestre imediatamente anterior.

Na comparação interanual, a indústria continuou tendo taxa negativa. Caiu 1,5%. Mas Rebeca ressaltou que a queda foi menor do que a apresentada no segundo trimestre - que foi de 2% (dado revisado)

(Alessandra Saraiva, Camilla Veras Mota e Elisa Soares | Valor)

43-28/11/2014

Mais de 3 toneladas de tungstênio são apreendidas na Colômbia



Bogotá, 27 nov (EFE).- A Marinha da Colômbia, com o apoio da polícia, apreendeu nesta quinta-feira no estado de Vichada, 3,26 toneladas de tungstênio contrabandeado que as autoridades suspeitam pertencer às Farc.

Durante a operação, realizada nos arredores do município de Cumaribo, a 320 quilômetros de Puerto Carreño, os agentes capturaram dois homens que transportavam 75 sacos com pedras negras a bordo de duas embarcações.

Ambos foram acusados de exploração ilícita de jazida e receptação, informou a Marinha em comunicado à imprensa.

O mineral, segundo as investigações realizadas, foi obtido em minas ilegais situadas nas selvas do amazônico departamento de Guainía, que têm a condição de reserva florestal.

O tungstênio é empregado na fabricação de carros, smartphones e tablets, entre outros bens de consumo de alta gama, além de ser usado na fabricação de munição, acessórios para equipamentos de perfuração e blindagem. EFE

44-28/11/2014

Indústria de transformação cresce 0,7% no 3º trimestre

Estadão Conteúdo

O segmento extrativo mineral foi destaque da indústria no terceiro trimestre do ano, com crescimento de 2,2% na comparação com o trimestre imediatamente anterior, informou o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nesta sexta-feira, 28. "A indústria extrativa mineral teve desempenho puxado pelo aumento em petróleo e gás e minérios ferrosos", afirmou a gerente da Coordenação de Contas Nacionais do IBGE, Rebeca de La Rocque Palis.

A indústria de transformação e construção civil apresentaram resultado positivo após quatro trimestres de queda consecutivos. O primeiro teve aumento de 0,7% no terceiro trimestre ante o segundo trimestre deste ano, enquanto o segundo variou 1,3% na mesma base de comparação. Já a produção e distribuição de eletricidade, gás e água ficou estável, com variação de 0,1%.

Indústria extrativa mineral

A atividade extrativa mineral foi o principal destaque da indústria no PIB do terceiro trimestre, com alta de 8,2% na comparação com igual trimestre do ano passado. O desempenho foi beneficiado tanto pelo aumento da extração de petróleo e gás, quanto de minérios ferrosos. A produção e distribuição de eletricidade, gás e água também teve desempenho positivo com alta de 0,6%.

A indústria de transformação recuou 3,6%, tendo como destaques negativos a indústria automotiva, máquinas e equipamentos, produtos de metal, metalurgia e mobiliário. "Os destaques negativos estão, em sua maior parte, na produção de bens de capital, que influenciam negativamente investimentos, e bens de consumo", disse Rebeca Palis, gerente da coordenação de Contas Nacionais do IBGE.

A construção civil também puxou o resultado para baixo, com queda de 5,3%. Apesar de negativas, Rebeca destacou que a indústria de transformação e a construção vieram melhor que em trimestres anteriores.

45-28/11/2014

Rio Tinto promete grandes retornos em fevereiro apesar de queda do minério de ferro

Reuters

MELBOURNE (Reuters) - A mineradora global Rio Tinto adiou planos de construir uma mina de 1 bilhão de dólares na Austrália, elevando cortes de custos em meio a um mergulho nos preços do minério de ferro para que a empresa possa cumprir uma promessa de elevar os retornos para acionistas.

O adiamento da decisão sobre o investimento na proposta da mina de minério de ferro Silvergrass até pelo menos o terceiro trimestre de 2015 segue uma derrocada de 50 por cento dos preços do minério neste ano, uma vez que a Rio Tinto e suas principais rivais inundaram o mercado com nova oferta da commodity.

"Embora a perspectiva de longo prazo permaneça sólida, o curto prazo é, sem dúvida, mais desafiador", disse o presidente-executivo da Rio Tinto, Sam Walsh.

Mas ele afirmou que isso não afeta a promessa da companhia de elevar o retorno a acionistas substancialmente, que deve se concretizar em fevereiro de 2015, quando a empresa divulga resultados para seu ano fiscal completo.

A Rio Tinto precisa manter seus acionistas satisfeitos para evitar uma nova abordagem da Glencore. A expectativa é que a Glencore faça outra tentativa de comprar a mineradora global após ter sido rejeitada em agosto. Investidores solicitaram maiores retornos após gastos com aquisições consideradas caras e expansões de minas ao longo dos últimos sete anos.

"Reduzimos nossos custos, reduzimos nossa dívida ... e isso nos coloca em uma posição incrivelmente boa para aumentar substancialmente os retornos para o investidor", disse Walsh a investidores.

(Por Sonali Paul)

46-28/11/2014

Depois de ano difícil, Vale prevê minério a preços mais altos

Para 2015, expectativa é de preços entre US\$ 83 e US\$ 85 por tonelada. Commodity chegou a ficar abaixo de US\$ 70 por tonelada em 2014

À frente da Vale desde 2011, Murilo Ferreira admite viver o momento mais difícil de sua gestão. A avaliação é motivada pelo cenário econômico e pelos preços do minério de ferro rompendo a barreira dos 70 dólares por tonelada, o mais baixo patamar dos últimos cinco anos. Para 2015, o executivo trabalha com preços na faixa de 83 dólares a 85 dólares, que considera o ponto de equilíbrio do mercado.

A convicção do presidente da Vale é de que, caso a cotação da commodity chegue ao nível de 65 dólares a tonelada, haverá um grande ajuste, com redução substancial da oferta.

Segundo o executivo, mesmo diante de desafios, a Vale paga a maior remuneração da indústria de mineração. "Realmente, 2015 e 2016 serão anos atípicos por conta do volume que teremos que investir, mas você pode ter certeza que nós privilegiaremos uma prudência no endividamento da empresa acompanhada de um pagamento de dividendos saudável", diz. "Nós temos de ser absolutamente obstinados em fazer mais por menos", acrescenta.

Os investimentos a que se refere são na maior parte relativos à conclusão do projeto Serra Sul, no Pará, que tem início de operação previsto para 2016. Com produção estimada em 90 milhões de toneladas anuais de minério de ferro, ele é o maior da história da Vale (19,5 bilhões de dólares).

(Com *Estadão Conteúdo*)

47-28/11/2014

CSN anuncia fusão de ativos com a Namisa

A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) anunciou fusão de seus ativos de mineração e logística com a Namisa. A CSN tem 60% de participação na Namisa, enquanto os 40% restantes são divididos por um consórcio liderado pela japonesa Itochu e parcelas das siderúrgicas japonesas JFE Steel, Kobe Steel e Nisshin Steel, da sul-coreana Posco e da taiwanesa China Steel. Uma nova companhia – abaixo da CSN – será criada e Benjamin Steinbruch (Presidente da CSN) será sócio majoritário.

Os detalhes de cada participação dos asiáticos só serão divulgados após aprovação do Conselho de Administração das partes, marcado para 12 de dezembro de 2014. Estima-se que a participação do consórcio fique em torno de 15% a 20% na nova composição. O acordo é considerado estratégico pela CSN, já que a combinação de ativos, principalmente Casa de Pedra e projetos da Namisa, deve gerar redução de custos, sinergias de produção, logística e comercial.

As minas de Casa de Pedra e da Namisa, juntas, têm capacidade para 60 milhões t/ano de minério de ferro. Atualmente, operam com menos de 2/3 de sua capacidade. Está fora da negociação a unidade Estanho de Rondônia (Ersa), da CSN, que produz matéria-prima para produção de latas. A área de logística envolve o Tecar – terminal de granel de Itaguaí (RJ), além de uma participação na ferrovia MRS.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 680

48-28/11/2014

ArcelorMittal investe R\$ 50 milhões em Sabará

A ArcelorMittal Aços Longos anunciou investimentos de R\$ 50 milhões para ampliar em 20% a capacidade produtiva de sua unidade de Sabará (MG). O aporte vai se destinar principalmente à compra de equipamento de alta tecnologia para produção de barras descascadas, novo nicho de negócios para a empresa. “Esse investimento representa nossa entrada em novo mercado, com produtos de alto valor agregado e alta qualidade para as indústrias automotiva e mecânica brasileiras”, afirma Jefferson de Paula, CEO da ArcelorMittal Aços Longos Américas do Sul e Central.

As barras descascadas são usadas, por exemplo, em haste de amortecedor, barras estabilizadoras, barras de direção, sistema de válvulas hidráulicas, pinos guia de alta precisão, entre outras aplicações. Atualmente, a unidade mineira produz 180 mil t de barras trefiladas e endireitadas com aplicação nos setores automotivo e industrial. Com o novo investimento, a unidade de negócio ampliará a capacidade em até 36 mil t/ano. O mercado brasileiro de barras usinadas cresce, especialmente, com o aumento dos

requerimentos de qualidade da indústria automotiva, que tem como meta a redução da emissão de CO2 e, conseqüentemente, o peso dos veículos.

O foco da empresa é atender principalmente ao mercado interno. O início da operação do novo equipamento está previsto para outubro de 2015. Ainda em novembro, dia 27, a Arcelor reinaugura o Centro Cultural da Fundação ArcelorMittal Brasil. O espaço, localizado em prédio histórico ao lado da usina, vai contribuir para a formação cultural e produção de conhecimento, por meio de uma agenda de atividades regulares, como palestras, oficinas e seminários sobre gestão cultural para grupos mineiros.

Fonte: Brasil Mineral

49-28/11/2014

KIMBERLITO A21: A MAIS NOVA MINA DE DIAMANTES DA RIO TINTO

A área de Lac de Gras é famosa no mundo mineral por ter mais de 200 pipes kimberlíticos conhecidos. Entre estes estão os kimberlitos de Diavik, que tem uma característica única: são os pipes mais jovens do mundo e produzem dimantes de alta qualidade. Estes kimberlitos foram intrudidos no final do Cretáceo/Eoceno e três desses, os pipes A154N, A154S e A418 são econômicos e formam o atual complexo mineiro de Diavik. Até agora.

A Rio Tinto, a operadora da mina de Diavik, estará colocando mais um kimberlito do cluster de Diavik em produção. Trata-se do A21.

O A21 custará 350 milhões de dólares para entrar em produção em 2018. O pipe precisará, por estar dentro de um lago, ser circundado por um dique de contenção que permitirá uma operação a céu aberto no seco.

Os pipes em produção de Diavik (veja o diagrama abaixo), são cones verticalizados situados em um raio de apenas 200m, com diâmetros entre 100 a 150 m. O A21 está localizado, também dentro do lago, a 4km a sudoeste.

Fonte: Geólogo

50-28/11/2014

PÖYRY VAI CRIAR CENTRO REGIONAL EM BH

A finlandesa Poyry, especializada em consultoria e serviços de engenharia, anunciou ontem a decisão de transformar seu escritório em Belo Horizonte em centro das atividades de mineração e siderurgia da América Latina, englobando os escritórios da empresa no Brasil, Chile e Peru.

O diretor da área de Mineração e Siderurgia para a América Latina da multinacional, Marcelo Xavier, informou, em nota, que além de promover a interação entre os

escritórios de diferentes países, o centro regional de engenharia e consultoria irá gerar novas oportunidades de negócios. Conforme ele, o segmento já é o segundo dentre as áreas que a Poyry atua.

Atualmente, são aproximadamente 200 pessoas trabalhando nessa área nos escritórios da América Latina. Novos postos de trabalho deverão ser gerados com a conquista de novos projetos no próximo anos. "Apesar do ambiente econômico mais difícil, a Poyry tem muito a contribuir para os clientes dessa área", afirma.

Segundo Xavier, a decisão reforça um dos elementos estratégicos que compõem a visão geral da empresa, que compreende a interação contínua global-local, obtida a partir do compartilhamento de ideias, competências, melhores práticas e processos entre os diversos escritórios e unidades de negócio do grupo.

Recentemente, a empresa anunciou a ampliação de seu escopo de atuação. Antes focada em processo minerais, a multinacional passou a aplicar o conceito "da mina ao porto", ou seja, a empresa, agora, presta serviços desde o estudo de pré-viabilidade e exploração mineral até a logística de embarque no porto, passando pelas análises de impacto ambiental, estudos econômicos, projetos de beneficiamento, logística, ferrovias, estradas e até mesmo terminais portuários.

No Brasil, a Poyry iniciou atividades em 1974, tendo criado a sua subsidiária brasileira em 1999. Nesse período, aumentou o seu escopo de atuação, ingressando ainda mais nas áreas de consultoria e gerenciamento de projetos, além dos serviços de engenharia de fábrica. Atualmente, conta com mais de 600 funcionários no país e atende a mais de 50 clientes, de diversos setores.

Fonte: Diário do Comércio

51-28/11/2014

MINERADORAS RECEBEM PRÊMIOS DA DUPONT POR SEGURANÇA NO TRABALHO

A empresa norte-americana DuPont anunciou na última quarta-feira (26) os vencedoras da 4ª edição do Prêmio de Segurança e Saúde do Trabalhador, em São Paulo (SP). Entre as empresas premiadas estão a Yamana Gold e a Mineração Taboca.

A mineradora Yamada Gold ficou com o quarto lugar na categoria Segurança e Saúde no Trabalho (SST), seguida da Mineração Taboca, que produz estanho no Amazonas, na quinta posição. Na categoria Proteção Térmica, a Vale Fertilizantes ficou com a terceira posição e a Vale, controladora da Vale Fertilizantes, na quarta posição.

As primeiras posições foram ocupadas pela Masisa Brasil, em SST; Dow AgroSciences, em Proteção Térmica; Toyota Brasil, em Corte e Abrasão; e Parker Hannifin, em Proteção Química.

Na categoria SST foram inscritas histórias de empresas que utilizam os serviços pertencentes a DuPont Sustainable Solutions no desenvolvimento de um projeto de melhoria no ambiente de saúde e segurança do trabalhador. Enquanto que na categoria Proteção Térmica poderiam ser inscritas histórias de empresas que utilizam DuPont Nomex e DuPont Protera em seu dia a dia.

Bruno Bezzerra, gerente de marketing da divisão de tecnologias de proteção da DuPont, explica que desde a criação do prêmio eles receberam mais de 400 projetos voltados exclusivamente para a segurança do trabalhador. Para Bezzerra, o principal objetivo é promover a colaboração no segmento, difundir cases de sucesso e estimular a criação de uma cultura de segurança na indústria.

O executivo alerta que o crescimento da população mundial demandará o desenvolvimento de tecnologias e serviços que ofereçam ainda mais segurança para as pessoas e ao meio ambiente, além de atividades de colaboração entre iniciativa privada, governo, universidades e associações.

Todos os trabalhos inscritos foram avaliados por um Comitê Técnico independente e composto por especialistas e formadores de opinião do segmento de prevenção de acidentes e doenças do trabalho.

O prêmio foi criado especialmente para promover a discussão sobre as melhores práticas em segurança do trabalho, a premiação é organizada em parceria com as revistas Cipa e Proteção.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil